LAMPIÃO da esquina

Ano 3/Nº 35 | Rio de Janeiro, abril de 1981 — Cr$ 50,00 | • Leitura para maiores de 18 anos

ENTREVISTA:

A BICHA QUE VIROU MULHER

com uma discussão sôbre TRANSEXUALISMO

HOMEM PELADO

um STRIP-TEASE COMPLETO para VOCÊ...

como curar sua GONORRRÉIA

LÉSBICAS tascam o MR-8

MACONHA na PUC

Cartas na mesa

Falsa amiga

Caros Editores. Venho notificá-los de que uma vil criatura (o endereço de seu covil é CP-188, Passo Fundo, RS), que se apresenta pelo nome de Beto e a quem tive a idéia de escrever, devido ao anúncio no Troca-Troca (LAMPIÃO/33, para ser mais exato), utiliza-se dessa seção para, abusando da credibilidade dos incautos que lhe escrevem, investir nos problemas existenciais destes com fins puramente comerciais, propondo-lhes a compra de fotos eróticas para auxiliá-lo a superar as vicissitudes de um suposto casamento.

A.R. — Rio — RJ.

R. **Estamos tentando controlar esse tipo de coisa no Troca-Troca, exigindo até carteira de identidade para a publicação do anúncio. Infelizmente nem sempre conseguimos evitar esses problemas. Agradecemos o seu alerta e aconselhamos a todos os leitores do Lampa que tiveram envolvidos em situação semelhante que nos escrevam. E não se surpreenda se a nossa Rafaela Mambaba entrar no esquema. Ela ficou irritadíssima com o jovem.**

Achacadores

Prezados Senhores.

O motivo principal da minha carta é para que vocês, por meio do jornal, alertem nossas amigas: há pouco tempo surgiu na Cinelândia uma quadrilha de menores, garotos mesmo, entre 12 e 15 anos, que, combinado com um PM, andam criando problemas para muita gente. Eles trabalham da seguinte maneira: o menor se aproxima de uma determinada pessoa, sempre alguém discreto, e procura puxar conversa. Depois se afasta e volta com esse tal PM que da ordem de prisão, acusando a pessoa de ter cantado o menor. O PM e o menor logo se afastam do local procurando sempre uma rua deserta dando a entender que vão levar a pessoa ao distrito. No caminho, porém, o menor volta e o PM dá aquela conversa para limpar a barra do cara, e pede dinheiro muitos Cr$ Cr$. Caso você não tenha, leva é muitas porradas na rua deserta. Se você solta dinheiro nada acontece e a grana é dividida entre o menor e o PM. Sei de muita gente que já caiu neste golpe, que no momento, tá dando muito dinheiro aos garotos e ao PM e talvez a mais alguém que esteja dentro do negócio. Por favor gente, façam um apelo ao delegado do distrito próximo à Cinelândia para ele dar uma olhada nesse PM, pois precisamos andar despreocupados nas ruas, livres de pessoas desse tipo.

A.L. — Rio, RJ.

R. **Infelizmente não podemos fazer muitas coisas. Não podemos procurar a polícia para uma denúncia dessa porque poderíamos acabar presos. Mas o Delegado da DP da Rua Santa Luzia deve ler o jornal (afinal um policial precisa estar informado) e cabe a ele tomar as providências. Ele e o comandante da Polícia Militar. O novo, é claro. O que podemos fazer é nos solidarizar com as vítimas dessa forma de violência e publicar sua carta. Além disso, sugerimos que a vítima, se possível for, resista ao máximo a dar dinheiro. É melhor pagar um bom michê.**

Guia paulista

Escrevo a este tão consagrado jornal dedicado à nossa minoria gay. Sinto necessidade em pedir ajuda a vocês, estou muito frustrado, pois não sei onde me integrar a outros grupos gays, ou lugares de ótima freqüência e discretos para os mesmos fins. Gostaria que vocês me fornecessem uma lista de lugares, bares, etc. de freqüência gay, ou então me instruíssem como conseguir o guia gay de 35 páginas O **Bandeirante Destemido**, que está a venda, segundo o Lampião, de fevereiro. Agradeceria muito a ajuda se me enviassem a lista.

Jerônimo Ribeiro Filho — Jundiaí — SP.

R. **"O Bandeirante Destemido" pode ser obtido através do grupo Outra Coisa, que o elaborou. Escreva para a Caixa Postal 8.906, São Paulo, SP; CEP 01.000.**

Cucarachas

Con respecto al reportaje "Hambre do sexo en la Argentina" deseo efectuar algunas observaciones. Primeiro, a lo que expressaron mis compatriotas: A) Es una mentira que todas las garotas cobren para transar; B) En Argentina la prostitucion est tambien muy comun; lo que sucede es que está más culta; C) Le digo a Adrian que ha brasileras son simpáticas e que son diferentes a las outras mujeres, ademas Rio es Mejor que BsAs. D) Le digo a Vitor, todas las mujeres no son iguales (por suerte); ademas a mi y a mi garota no nos molestaron por nada los homossexuales, salimos todas las noches e no tuvimos dificultades. 2º — A lo expressado por el reportero: Le digo que existem por lo menos 2 argentinos (mi colega y yo) que: A) no invadimos locales noturnos, solo fuimos una vez a Bolero con nuetras garotas brasileras (si brasileiras escucharon bien argenprimidas), expectaculo muito caro e muito chato. B) no comentamos a nadie nuestras tributos naturales, somos los menos indicados, ese comentario lo deben hacer las garotas. C) No molestamos ni ridiculizamos a prostitutas ni a "bichas" (cada persona tiene derecho a hacer lo que queir com su vida). D) No solo nuestro programa cosite en ir al Motel de que Llegamos a Rio (13.2.81) assistimos con nuestras garotas a Cinema: Last Tango in Paris (chato), Hair (bueno). Film Surrealista (muito bueno). Exposiciones en el MAM; Sivuca (muito bueno), Humberto Pascoal (chato). Tambien leimos Pasquim, Lampião, Reporter. Muita praia. Por ultimo mi colega y yo nos preguntamos: Somos argentinos o no? muchas graçias.

Ricardo Rober Fellatio

Agradecemos pelas informações e pela preferência. É uma boa oportunidade para demonstrar que nada temos contra os argentinos. A matéria a que se refere, porém, tem alguma coisa a ver. E com isso você mesmo concorda, não é? Como nós, você sabe que o tipo de argentino que foi alvo da reportagem existe. Culpa, sem dúvida, do estado de penúria política que passa o seu país.

De mulheres

Caros Amigos.

Queria passar à receber os exemplares do Jornal "LAMPIÃO", do mês de março em diante, pois o de fevereiro já comprei e que, se fosse possível, os mandassem com a mais perfeita discreção. Quero aproveitar a oportunidade para parabenizá-los por todas as boas entrevistas e notícias que nos dão à cada mês. Gostaria de saber por que ainda não pensaram na possibilidade de dedicar um pequeno espaço do jornal, às mulheres, pois em todos eles, nos jornais, até hoje, as notícias e entrevistas são, na sua grande maioria, de interesse dos travestis e etc...; será que todos da redação só têm afinidades nesse meio? Obs.: entendam bem, não tenho nada contra, pois gosto de todos que se dizem humanos, mas os senhores podem e têm todas as condições para nos olhar um pouquinho, pois acredito, sinceramente, que jornal como este é impossível se ter.

Lúcia Santos — Rio — RJ

R. **A sua crítica tem procedência e já estamos tentando corrigir esse nosso erro. Acontece que só agora contamos com a colaboração efetiva de mulheres e sempre achamos que quem deve falar de mulher é mulher. Neste número, por exemplo, já temos algumas matérias sobre mulheres. Curta. De qualquer maneira, querida, não é verdade que o Lampa só fale de travestis; pelo contrário, os travestis fazem a mesma queixa: há pouco, uma comissão deles nos visitou para nos questionar porque não havia nenhum travesti no conselho editorial; e tudo o que pudemos dizer a eles foi que Adão Acosta tinha desfilado de baiana no carnaval...**

Lampião convida para uma festa afro-brasileira: o lançamento de "Prova de Fogo", de Nívio Ramos Sales. Dia 13 de abril, às 19h, no pátio da Funarte (Rua Araújo Porto Alegre, 80). Acarajés, abarás, munguzá, aluá, ogãs e filhas-de-santo, adés, monas e monas d'olo e muito, mas muito axé!

Troca Troca

HETEROSSEXUAL; solteiro, 1,80m, olhos azuis, 39 anos, 70kg, mente aberta, carente de afeto. Deseja corresponder-se com mulheres jovens ou coroas, qualquer estado civil, para relacionamento íntimo, sem compromissos. Luís — Cx. Postal 11.537, São Paulo, SP, CEP: 01.000.

BUSCO UM GAY, do Rio ou São Paulo, que esteja disposto a um envolvimento sério, a receber e oferecer amor e carinho, ou a uma boa amizade, ao menos. Tenho 25 anos, sou de Aquário e admiro a simplicidade. Jorge — Rua Aguiar, 71/308, Tijuca, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20.261.

QUE TAL VIAJAREM, num envelope e me descobrirem, mergulhado nestes sonhos de um rapaz curioso pelo mundo. Sou gaúcho, bem alto, com a cor das matas nos olhos e uma boa dosagem de sendo para a vida. Caia nos correios e se tempere no meu endereço. Rafael Dias Hernandez — Cx. Postal 242, Porto Alegre, RS, CEP: 90.000.

DUAS AMIGAS — Gostaríamos de entrar em contato com você que deseja uma amizade sincera e descontraída, que seja entendida e discreta. Rosemar, 22 anos, 1,70m e Lizbete, 24 anos, 1,63m. Escreva e responderemos. Cx. Postal 560, Itajaí, SC, CEP: 88.300.

PARDO ESCURO, **simpático, jovem, boa aparência, bom nível cultural, alegre e a fim de amar. Procuro rapazes ativos, solitários, qualquer cor, altos, até 40 anos. A beleza não importa, que seja romântico e esteja a fim de formar compromisso sério e duradouro. Gedemar Baptista. Trav. dos Cardosos, 52, aptº 101, Cascadura, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 21.381.**

PAULISTANO, 23 anos, moreno, olhos castanhos, boa aparência, tendo morado vários anos na Europa, deseja correspondência com entendidos de 23 a 30 anos, de qualquer nacionalidade, residentes em São Paulo, para amizade e transa. Foto na 1ª carta. J.B.S. — Cx. Postal 4439, São Paulo, SP, CEP: 01.000.

UNIVERSITÁRIA do Curso de Direito, gostaria de manter correspondência com pessoas entendidas, para fins de amizade ou algo mais, tenho 28 anos, morena clara, olhos esverdiados, gostando de curtir a vida. C.M. — Cx. Postal 764, Fortaleza, CE, CEP: 60.000.

MORENA CLARA, **1,70m, 20 anos, amante de uma boa leitura e som nacional, sonhadora e estudante, deseja se corresponder com garotas de todo Brasil, sem preconceitos de cor, idade, religião, etc.... Respondo todas as cartas. Lúcia Pereira — Rua Alberto Bins, 628/901, Porto Alegre, RS, CEP: 90.000.**

AMANTE DA MÚSICA, **da arte e poesia. Gostaria de corresponder-me com rapazes de todo Brasil e exterior, para troca de sincera amizade... Patrick — Rua Manoel Nunes Viveiros, 165, Bertioga, São Paulo, CEP: 11.280.**

ALÔ garotões de até 22 anos, de preferência louros, discretos, entendidos, sem limitações sexuais e do Rio. Eu os procuro avidamente. Tenho 35 anos, boa posição social e financeira, magro, e bem humorado. Curto a vida e estou para o que der e vier. Cartas para M. T.; Caixa Postal 15.224, CEP 20.155, Rio, RJ.

ATENÇÃO delirantes: já transei com toureiro, padre, artista e político de várias nacionalidades, mas não olho profissão. Me amarro em homem doce e sensual, que goste de viver a vida meio tom acima do normal. Topa se cruzar? Escrever para Cláudio Blossom, Caixa Postal 45.388, São Paulo, SP.

QUEM TIVER QUERENDO TROCAR, **qualquer coisa, que me escreva. Estou aberta e disponível. Lú — Caixa Postal 1.343, Florianópolis, SC, CEP 88.000.**

CANADIAN, **25 years old, wishes to meet gay pen-friends from Brazil. Reply in English to the address of Ivica — 2.611, 620 Jarvis St. Toronto, Ont Canada M4Y 2R8.**

PROFESSOR, **39 anos, 1,75m, moreno claro, discreto, gostaria de construir amizade sincera (sem compromisso de sexo) com pessoas de qualquer idade, sexo ou cor. Cartas para: Professor — Rua Monte Carmelo, 118, Floresta, Belo Horizonte, MG, CEP: 30.000.**

ATENÇÃO FORTALEZA — Procuro, nessa cidade, pessoas calmas, sensíveis, inteligentes e discretas para dar início a uma sólida amizade. Tenho 20 anos, 1,76m, Estudante. Resposta imediata à quem desejar. PEALCAN Cx. Postal 1685, Recife, PE, CEP: 50.000.

ATIVO, 41 anos, deseja corresponder-se com rapazes mais jovens, sem pinta, de preferência moradores no Rio de Janeiro ou adjacências, para namoro e/ou sexo. Retrato na 1ª carta. Paulo — Cx. Postal 16243, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20.000.

UNIVERSITÁRIO, 29 anos, olhos e cabelos castanhos escuros, 1,72m, 64 Kg, moreno claro, boa situação financeira, deseja corresponder-se com garotões bem dotados, que mandem fotografias nu, posso pagar as despesas. Roberto Carvalho — Cx. Postal 570, Goiânia, Go, CEP: 74.000.

ENTENDIDO ATIVO, 28 anos, 1,75m, 70g, moreno-claro, olhos e pelos castanhos, deseja contato com gays passivos e travestis para amizade e transa. Cartas, se possível com foto, para: Kris — Cx. Postal 20.026, São Paulo, SP CEP: 01.000.

* Quem quiser ter seu anúncio publicado nesta seção, terá que mandar uma xerox da Carteira de Identidade anexa ao texto do anúncio.

* Se você quiser ter sua foto publicada junto ao anúncio, basta enviar um retrato (3x4) com um cheque de 500 cruzeiros para Esquina Editora de Livros Jornais e Revistas Ltda. Use e abuse de mais este serviço do **LAMPA**.

Aí pelos meados deste mês de março, os habituais freqüentadores do Cinema Íris, no Rio, ao chegarem lá, pouco antes da primeira sessão, para o seu programa diário (ficar no cinema desde 11 horas até 22), sofreram um baque terrível: ele fora fechado pela fiscalização e entrara em reformas. Há quem jure ter visto um bando de bichas, como um coro de tragédia grega, a gritar lamentações, pela Rua da Carioca a fora, só porque tinham que passar alguns dias sem entrar no Íris. Mas a história acabou bem — o cinema foi reformado e, pelo menos visto da rua, está brilhando de novo. De qualquer modo, o fechamento provisório causou, aqui, na redação, uma verdadeira sessão nostalgia. Todos nós passamos por lá algum dia; por isso um dos nossos repórteres foi escolhido para contar, com o já tradicional molho lampiônico (mês que vem fazemos três anos, queridas!) como foi a sua traumatizante "primeira vez no Cinema Íris".

Roça/Roça no Cinema Iris

A primeira vez que ouvi falar do Cinema Iris, foi na Casa de Irene, na Lapa. Tinham me levado lá para conhecer Débora, a bicha que voava, e no momento em que estavam todos reunidos em torno dela, alguém citou uma frase que vira escrita na parede de um dos banheiros do cinema: **O Iris também é Brasil.** A Casa de Irene ficava na Rua dos Arcos, e ganhara esse nome por causa de uma música italiana, então muito cantada. Lá moravam, nos seus três andares, em intermináveis fileiras de quartos divididos por tabiques, dezenas de pessoas que nunca poderiam sair à rua, durante o dia, sem serem apedrejados: bichas horrendas, malandros em fim de carreira, prostitutas viciadas e seus pouco exigentes cafetões. Essa minha visita foi em 1966; em 1967 a casa ganhou destaque nos jornais; durante as enchentes de janeiro a escada desabou, e os moradores do sobrado passaram a subir para os seus quartos de quatro, sobre duas tábuas atrevessadas do primeiro para o segundo andar, bem acima do buraco escuro onde antes existiam os degraus.

Em meio à sordidez que era a Casa de Irene, Débora, a bicha que voava, pontificava como uma verdadeira rainha. Naquele dia, deitada num sofá que mais parecia um velho e roto caixão de defunto, ela nos recebera, apesar de indisposta. Ao redor, dela, a examiná-la — seria mais apropriado dizer: a apalpá-la, a inspecioná-la, tal a nossa incredulidade ante o que contavam dela — lá estávamos: um advogado, um jornalista, um bancário e um sargento do Exército — uma espécie de comissão de frente enviada pelo mundo exterior. Débora, cheia de langor, suspirosa, dizia o motivo de sua indisposição: engolira a chave do armário no qual guardava suas caixas de remédio para epilepsia (e que ela, sem ser epiléptica, distilava e injetava na veia), o combustível que a fazia voar. Engolira a chave de propósito, porque precisava descansar um pouco, e naquele dia, enquanto esperava que ela percorresse o caminho natural até à privada — de onde a retiraria, para reabrir o armário —, estava sendo tratada, pelas outras bichas que saltitavam constantemente em torno dela, a copos de leite e maçãs, num curioso processo de desintoxicação.

O vôo de Débora fora o assunto mais comentado, naquele final de ano, nas madrugadas das leiterias Bol e Brasil, na Lapa. Mesmos os canas duras, os policiais da quinta delegacia, falavam sobre ela cheios de admiração: afinal, foram eles as testemunhas privilegiadas de sua primeira experiência, um deles chegara a disparar um tiro de quarenta e cinco em sua direção, ao vê-la escapar através da janela e deslizar suavemente acima da copa de um velho pé de Ficus Benjamin. Tudo acontecera no velho sobrado da Rua Frei Caneca onde trabalhavam cinco bichas e sete putas, e que Débora, muito ativa, administrava. Lá se praticava o golpe do suadoro, e com tamanha eficiência, que um dia os homens da quinta delegacia, após receber dezenas de queixas, resolveram intervir.

Numa madrugada eles invadiram a casa de repente, e no terceiro andar, após prender as bichas, prostitutas e alguns dos seus infelizes clientes, encurralaram Débora contra uma janela. Foi aí que se deu o milagre. Trepada sobre o parapeito, a repetir desordenadamente o tique nervoso que as picadas lhe faziam surgir no canto direito da boca, ela anunciou aos policiais incrédulos: **Eu pulo!** E eles lhe responderam com desprezo: **Pula viado, que assim você poupa o trabalho de a gente lavrar o flagrante; vai se esborrachar todo no chão.**

Então, o impossível aconteceu: Débora pulou, e seu corpo, como se tivesse molas, foi cair no meio da rua, trinta metros abaixo, de pé, após descrever uma curva sobre a copa da árvore. Antes que os policiais pudessem perceber o que realmente acontecera (um deles apertou o gatilho, sim, mas talvez fosse apenas por causa do susto), Débora, sem se voltar, caminhou tranqüilamente até a esquina mais próxima e desapareceu.

É verdade que, a partir daí, ela não teve mais sossego. Na mesma noite a história correu a Lapa inteira e, levada pelos policiais, ultrapassou os limites do bairro e chegou aos quartéis da Polícia Militar, e outras delegacias. E desde então, o suadouro da Rua Frei Caneca passou a ser invadido, pelo menos uma vez por semana, por soldados da PM, ou por grupos de policiais, que cumpriam sempre o mesmo e fantástico ritual: prendiam bichas, prostitutas e clientes, encurralavam Débora contra uma janela do terceiro andar, e finalmente viam, entre respeitosos e maravilhados, o seu vôo impossível em direção ao asfalto. As bichas e as mulheres, já enfileiradas à porta do camburão, coroavam tudo com uma apoteótica salva de palmas, que Débora, antes de dobrar a esquina, agradecia. Nos seus melhores dias, ela também dava um adeus, com a mão, para os policiais que, aturdidos, permaneciam debruçados lá no alto, nas janelas do terceiro andar.

Àquela época eu tinha 21 anos, acabara de ler Jean Genet e fora morar no sobrado número 46 da Rua Visconde de Maranguape, na Lapa, para testemunhar — como eu costumava dizer, orgulhoso e tolo — o fim do bairro (o quarteirão onde eu morava foi derrubado em 1970 para dar lugar a uma avenida). Em poucos meses eu já sabia que, na Lapa, era o mais insignificante morador. E para chegar a essa conclusão bastara olhar, da minha varanda, os reis e rainhas destronados que exibiam à noite, na esquina mal iluminada sobre a qual eu morava, os seus andrajos, as suas cicatrizes.

Débora era uma dessas rainhas. Deitada em seu sofá-caixão-de-defunto, um xale esfarrapado atirado sobre os ombros, um leque quebrado a lhe pender das mãos, era a sua vez de exibir cicatrizes — as veias incrivelmente maltratadas, roxas e cheias de nódulos, deformadas pelas inumeráveis picadas. Alex de tal, o bancário, foi quem lembrou a frase escrita no banheiro do cinema, quando Débora anunciou que naquela noite, se o leite e as maçãs a reanimassem, iria dar um bordejo no velho Iris. E eu também resolvi ir lá, para conferir.

O cinema fica na Rua da Carioca, uma rua meio decadente que desemboca na Praça Tiradentes, sempre esburacada e em obras, e com prédios velhos, dos primeiros anos do século (época em que o Iris foi inaugurado), que se incendeiam sem qualquer razão aparente. Quem o vê do lado de fora, em dias de sessões contínuas, imagina uma colméia: na sala de espera, pelas escadas de frisos art nouveau que levam aos seus dois balcões, multiplicados ao infinito pelo que ainda resta de sua decoração de espelhos emoldurados em bronze, os espectadores se movimentam num vaivém constante. Os sinais, as palavras amistosas que trocam entre si, indicam que a maioria se conhece, provavelmente dali mesmo, do cinema. À entrada, um funcionário permanece indiferente aos que entram e saem.

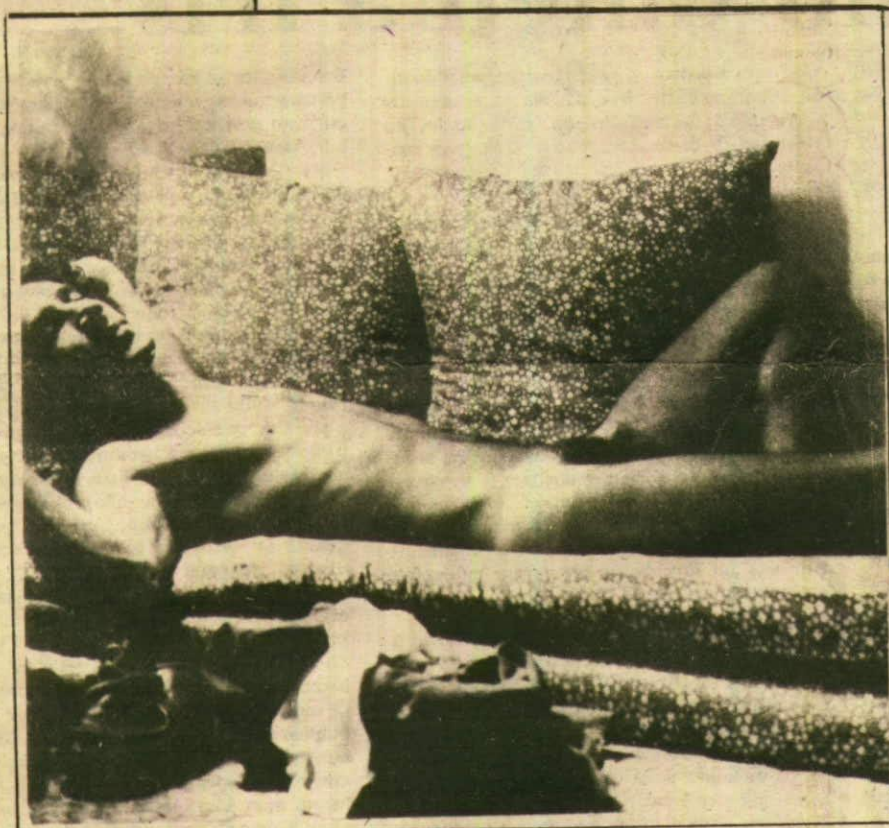
Quando cheguei lá naquela noite, o cartaz à entrada do Cinema Iris anunciava **Kung Fu contra os filhos do karatê e Eu dou o que ela gosta,** em sessão dupla. Dentro da sala de projeção, o movimento era igual ao do **hall**: havia muitas pessoas sentadas, mas a maioria permanecia de pé, ou circulava pelos corredores. Ao tentar me acostumar com a escuridão, tateando com a ponta dos dedos na cortina que cobria a parede dos fundos, tive a primeira surpresa: por trás da cortina, sob o toque dos meus dedos, uma súbita movimentação indicava que ali, escondidos entre o tecido e a parede, havia duas, três, quatro, cinco, talvez uma dezena de pessoas, amontoadas umas contra as outras. Mais alguns passos pelo corredor escuro, e pude ver, sob a luz avermelhada que indicava "homens", um bombeiro devidamente fardado, a esmagar contra a parede um vulto que gemia, pronunciava palavras impublicáveis, aquelas que em família não se diz.

Mas era no banheiro que eu pretendia colher minha preciosidade — a frase citada pelo bancário Alex. Para chegar lá, tinha que caminhar até o fim através do longo corredor, entre as filas de cadeiras e as paredes. Uma outra luz vermelha, lá no fundo, indicava a porta: homens. Tentei abri-la, mas como se adivinhasse meu gesto, alguém do lado de dentro se antecipou — uma bicha alta e negra, que foi logo anunciando: "Eu sou a porteira". Passei por ela, subi os dois degraus que me pareceram o pórtico do próprio inferno, e no último deles divisei com esforço — através das ondas de fumaça de cigarros que o brilho amarelado da lâmpada de quarenta velas mal conseguia atravessar — o banheiro de homens do Cinema Iris.

Era apenas um corredor, no qual se comprimiam umas trinta pessoas. Os três mictórios eram usados ao mesmo tempo por seis, oito, dez, pessoas que se manipulavam friamente, que se olhavam e se apalpavam e se examinavam com uma tranqüilidade, uma curiosidade quase científica. Dos três banheiros dois estavam com as portas fechadas, e deles vinham estranhos ruídos — suspiros, lamentos, cantigas de ninar, roncos, uivos, gritos, imprecações. O terceiro, com a porta aberta mais igualmente ocupado, era palco de uma cena que atraíra vários curiosos que, amontoados à porta, a tudo assistiam. A fumaça, os sons, a luz amarelada, o rosto impassível das pessoas — o mesmo rosto, tudo igual —, tudo isso me assustou mortalmernte, e eu já pensava em recuar, voltar ainda dos degraus e fugir dali, mas a porteira, que acompanhava cada um dos meus passos, já se postara habilmente contra a porta, e quando eu me voltei ela disse, numa voz sibilante: "Pode entrar, meu bem; não tenha medo".

Com medo, aturdido, dei dois passos, enquanto os rostos das pessoas que, encostadas à parede, tragavam tranqüilamente os seus cigarros, me acompanhavam impassíveis, me examinando friamente. Foi só aí que eu senti pela primeira vez o odor dos banheiros do Cinema Iris. Só sentira um cheiro igual uma vez, antes, no necrotério do Recife. Era um cheiro de cadáver, de morte. Na metade do caminho que levava aos banheiros ainda parei, as pernas trêmulas, a olhar para trás, mas a **porteira**, sempre à entrada, cresceu de repente contra mim, seus olhos faiscaram num ódio súbito, e ela perguntou, agressiva: "Como é? Você se decide ou não?"

Avancei. Ultrapassei a barreira esfumaçada e fédida das duas primeiras portas e cheguei, afinal, à roda de curiosos que, amontoados diante da última, assistiam ao espetáculo impassível, este que eu agora via enquanto me comprimia contra eles: lá dentro, as calças nos tornozelos, dois homens se roçavam um contra o outro, e o faziam furiosamente; quase com raiva, enquanto gemiam, gritavam, soltavam pragas e diziam palavrões.

Na roda de curiosos, três já se masturbavam silenciosos, olhos fixos na cena. Enquanto a excitação e o mal-estar começavam a crescer dentro de mim (numa mistura que me levaria à náusea, mais tarde, para desespero da porteira, que me ajudaria a vomitar e me chamaria ternamente de **debutante**), eu pensava se conseguiria desviar meus olhos da cena. E o fiz finalmente, e eles vagaram sem rumo, passaram pela privada que tinha uma das bordas quebrada, foram até a caixa de descarga, subiram pela parede, e no canto à esquerda, bem no alto — em letras maiores que aquelas usadas para escrever a atormentada literatura que decorava os banheiros do cinema —, encontravam, afinal, a frase — que àquela altura a mim já não dizia nada: negras, enormes, escritas, por uma mão firme e decidida, as letras informavam que **O Iris também é Brasil.**
(Aguinaldo Silva)

Digamos que ele se chame Ricky, e que seja um velho conhecido aqui da casa. Pois bem: o rapaz é não apenas um modelo bonito e gostoso, mas também um ótimo fotógrafo. Imaginem que foi ele mesmo que se fotografou nesta seqüência de strip-tease cuja primeira foto está lá na nossa capa: Não é um barato?

Quem lucra com esta operação?

O deputado José de Castro Coimbra, médico, dono de clínica, e inscrito no PDS paulista, elaborou um projeto de lei no qual regulamenta as operações de transexualismo. Transexualismo? Corro até a estante e pego o dicionário Aurélio para tirar as dúvidas: nele, a palavra não existe. Mesmo assim, é o maior ibope na chamada classe guei: todo o mundo fala de transexualismo; todos comentam a tal operação; tem os prós e os contras, mas ninguém perde a chance de discutir o tema. Quanto a mim, tenho minhas dúvidas sobre os resultados desta mudança. O mais imediato, segundo informações que colhi de fontes **fidedignas** (quer dizer, bichas já operadas) é que, a partir da castração (ou ablação, como prefere o deputado Dr. Coimbra), o gozo se torna impossível. Eu, que gosto muito, mas **muito mesmo**, de gozar, fico chocado com uma notícia destas.

Mas além deste problema urgente e imediato **(pra onde vão os espermatozóides da bicha que não pode gozar: pra cabeça? Mas a cabecinha dela, segundo os médicos que a operaram, é de mulher!)**, existem outros, psicológicos e legais. Conheço várias operadas, mas nenhuma delas deixou de ser, apesar de ter cortado tudo, visivelmente homossexual; são os ambientes homos que elas procuram, são os amigos homos, é a mesma velha mitologia homo que elas continuam a cultivar pela vida a fora. Muda a aparência, mas, debaixo desta, o que continua existindo é uma boa bicha, castrada ou não. E então? Não seria a figura do transexualismo apenas outro artifício da chamada **máfia de branco**, os médicos sequiosos de lucro? Hem? As operações custam verdadeiras fortunas, e as bichas ganham dinheiro. Daí... O negócio é operar, ficando a preocupação principal, ou seja, saber se os clientes estão ou não mudando de sexo, em plano secundário.

Sim, porque a parte legal não é levada a sério (no projeto do deputado médico-pedessista nada há a respeito). As bichas ganham um arremedo de xoxota, mas continuam com identidade masculina, ou seja, ainda são os senhores fulano de tal, **e não as madames que gostariam de ser.** Um projeto que só vem beneficiar os médicos sequiosos para ganhar dinheiro na tal operação, sem ligar a mínima para os possíveis operados, deve ser combatido e denunciado. Ele se torna ainda mais suspeito quando se sabe que foi aprovado, na Câmara dos Deputados, sem qualquer discussão. **O quê?** Mas não era um assunto polêmico?

De qualquer modo, não sou eu quem está mais indicado pra falar sobre o assunto — nunca pensei em me operar, e sequer sou travesti. De modo que passo a palavra àqueles que mais se aproximam da idéia do deputado Coimbra do que seja um transexual: os travestis. Vamos ouvi-los. Primeiro, as estrelas de **Gay Fantasy**.

Cláudia Celeste: — Pra mim transexualistas somos nós, os travestis. Não podemos dizer que não somos transexuais. Um homem que tem vontade de se vestir de mulher é uma coisa e o homem que leva a sério vestir-se de mulher é outra. Por exemplo: Lelete Chandon, acho que ela não é transexual. Faz parte dos homens que se vestem de mulher e depois lavam a cara tirando tudo. Neste caso são rapazes, homens, e nunca transexuais. Agora tem um tipo de travesti, famoso ou não, que é transexual e não pode dizer que não é, e eu sou um deles. Veja bem: nós gostamos de ser mulher. Este negócio de dizer que não somos mulher é bobagem. Se estamos de cabelos compridos, unhas pintadas, e nos portamos como mulher, somos mulheres. Nós nos vestimos de mulher fora do palco também. Temos vontade de ser mulher.

— A diferença é que muitos travestis transexuais chegam a submeter-se a uma operação. Têm coragem de fazer isto. Alguns por falta de informação. Acho que para fazer uma operação deste tipo a informação é importantíssima. É preciso conscientizar que operação é esta, o que vai acarretar, que benefícios ou prejuízos vai causar. Então as bichas arranjam dinheiro e se operam sem saber se é bom ou ruim. Não sabem se terão problemas de saúde ou de cabeça. Não se preocupam em fazer análise. É o mesmo caso do silicone; todas aplicam sem saber nada do assunto; e até os hormônios.

— Certa vez estive para me operar em Casablanca, no Marrocos. Cheguei a falar com um médico. Mas era uma época em que eu estava numa loucura, vendo as bichas que moravam em Paris entrarem numa de operação. Fiquei influenciadas por elas. Quando cheguei no Marrocos eu refleti: não vou fazer esta operação porque não sei como é. Na realidade ninguém pode falar mal ou bem da operação. Acho que as pessoas devam estudar direitinho os problemas e se informarem com médicos, e pessoas especializadas sobre os benefícios ou os males.

Veruska: — Acho uma maravilha. Quando esta lei for aprovada será um sinal de civilização, mostrando assim que nós brasileiros estamos evoluindo. As bichas saem daqui e vão fazer a operação na Europa. Por que não gastar dinheiro com os médicos da nossa terra? Para mim isto vem mostrar que os brasileiros estão ficando com a cabeça evoluída.

Jane: — Acho maravilhoso porque, quando uma pessoa quer fazer uma coisa que a realize, acho divino. É o caso dos transexuais. Se eles lutam por este tipo de operação, e de repente é liberado, é uma vitória. Sou totalmente a favor. Só que eu não faria esta operação; estou com a cabeça ótima.

Marlene Casanova: — — Eu acho que é uma loucura. Não concordo com o transexualismo. Antes de qualquer coisa, é um problema de cabeça. Na minha opinião é uma aberração. Eu nunca faria isto na minha vida. Nem que chegasse um bonito industrial, ao mesmo tempo milionário, e quisesse pagar tudo para que eu fizesse esta operação; minha resposta seria não.

Eloina: — Eu não sou contra. Pode ser que amanhã até faça esta operação. Porém tem que ser uma coisa legalizada. É preciso pensar legalmente, principalmente na mudança dos papéis, para que as pessoas possam viver felizes. Agora para ficar operada e continuar com os papéis de homem, prefiro continuar como estou, porque minha vida está maravilhosa.

Rogéria: — O transexualismo até que é uma boa. As pessoas costumam errar quando pensam no transexual. Ele na realidade é uma pessoa que não tem prazer nenhum sexual. A operação, a mutilação, enfim o que for, é uma boa porque se as pessoas que não têm prazer com o órgão sexual masculino, é preferível botar um feminino e não sentir prazer da mesma maneira. Para os verdadeiros transexuais seria muito bom uma operação desta.

Agora algumas opiniões de travestis que fazem prostituição nas ruas, a pergunta foi se eles fariam a operação de transexualismo.

Nair: — Só está me faltando dinheiro para ir à Europa e fazer a operação. Agora, se pintar por aqui vou esperar. Mas não acredito muito.

Neuza: — Nunca, nem morta! Quero que a terra coma esta minha coisinha gostosa que até filho já fez.

Shilly: — Cortar minha caceta? **Never!** Não quero ficar maluca!

Paula: — Da licença, filhinho, tenho que atender um cliente agora. Depois eu respondo

Luana: — Talvez eu faça algum dia. No momento o meu membro está como a picareta para o operário; sem ele não abro os buracos, sem abrir buracos não ganho dinheiro. (**Adão Acosta**)

Homem/mulher: pra virar tudo basta operar?

Brasília (agência Lampião) — A ablação de órgãos genitais masculinos em indivíduos comprovadamente transexuais passa a ser legal, no país, de acordo com o projeto de lei aprovado pela Câmara dos Deputados, mas que ainda terá de ser examinado pelo Senado Federal, e depois, se ali também aprovado, receber a sanção presidencial.

O projeto, de autoria do deputado José de Castro Coimbra (PDS-SP), e aprovado sem dicussão, acrescenta ao art. 129 do Código Penal o seguinte parágrafo: "Não constitui fato punível a ablação de órgãos e partes do corpo humano, quando considerada necessária em parecer unânime de junta médica e precedida de consentimento expresso de paciente maior e capaz."

O deputado apresentou a proposição inspirado no caso que envolveu o cirurgião Roberto Farias, docente da Escola Paulista de Medicina; no XV Congresso Brasileiro de Urologia, realizado em 1975 aquele cirurgião exibiu filme mostrando uma cirurgia de reversão sexual que realizaram em 1971, e por isso acabou denunciado pelo Ministério Público e condenado a dois anos de reclusão.

Para justificar o projeto de lei, José de Castro Coimbra invoca opiniões de professores de medicina, entre os quais Armando Canger Rodrigues, diretor do Instituto Oscar Freire, de São Paulo, e Antônio Chaves, segundo os quais o transexualismo é uma "entidade clínica autônoma, separada do homossexualismo", e o transexual, de maneira diversa do homossexual, "repudia o sexo para o qual se apresenta instrumentalmente dotado".

Como Num Conto de Fadas

"SAPATÃO VIRA HOMEM E BICHA VAI SER MULHER". Assim estampava, berrantemente, a edição de 11 de março do diário carioca, **A Luta Democrática (A Hora do Povo do** PDS carioca). À primeira vista tratava-se de mais uma galhofa da "Turma da Xavasca", como se auto-intitulam os integrantes desse jornaleco, mas na realidade a manchete referia-se à estranha aprovação, pela Câmara dos Deputados, do Projeto de Lei legalizando a ablação de órgãos genitais masculinos, em indivíduos comprovadamente transexuais, de autoria do desconhecido deputado José de Castro Coimbra (PDS-SP).

O Projeto de Lei, aprovado sem nenhuma discussão na Câmara, acrescenta ao artigo 129 do Código Penal, que pune os atos de lesão corporal gravíssima, que ofendam a integridade física ou a saúde de outrem (Por lesão corporal gravíssima entende-se a perda ou inutilização de membro, sentido ou função) com pena de 2 a 8 anos, o seguinte parágrafo: **Não constitui fato punível a ablação de órgãos e partes do corpo humano, quando considerada necessária, em parecer unânime de junta médica e precedida de consentimento expressivo de paciente maior e capaz."**

Segundo o jurista Laércio Pelegrino, essa alteração da lei permitindo as operações de mudança de sexo é extremamente oportuna, pois "atende a uma realidade social vigente em nosso país". Lança-se então a defesa de cada indivíduo dispor de seu próprio corpo, da maneira que melhor lhe convir. Desde que sejam do sexo masculino, como bem explicita a lei. "Se o indivíduo — prossegue Laércio — deseja mudar o seu sexo, e tem condições física, psíquica e psicológica, ele é dono de sua vontade. Trata-se de restituir à pessoa sua verdadeira personalidade. Com isso a vergonha de mudar de sexo vai acabar, a lei irá clarear esses pontos."

Em se tratando de termos jurídicos, a integração deste novo indivíduo, segundo Laércio Pelegrino, deverá ocorrer sem maiores problemas. "Bastará uma simples modificação na personalidade jurídica, e a retificação do seu registro de nascimento no item sexo. Isto contribuirá para que o indivíduo não seja marginalizado."

Quanto aos que por conta própria se entregam aos cirurgiões dos Marrocos da vida, deverão esperar pela aprovação no Senado, do Projeto do deputado paulista. Caso contrário permanecerão com suas antigas identidades, visto que a atual legislação não prevê este tipo de operação.

Pelo que parece, as contradições prometem acirrar-se. Se por um lado pretende-se permitir a mudança de sexo a quem interessar possa, por outro mantém-se a repressão àqueles que preferem apenas caracterizar-se como os do sexo oposto, tal qual vieram ao mundo. Nesse suposto avanço jurídico, a tal realidade social é vista parcialmente, com os travestis ficando de fora. Aliás, quantos travestis não foram presos pelo Dr. Richetti (SP) ou pela 3ª DP (RJ), na noite após a aprovação, pela Câmara, do projeto?

E sobre este aspecto, o jurista Laércio Pelegrino dá sua visão, fazendo uma comparação com o jogo de bicho, um tipo de contravenção penal: "Eu entendo que nós temos que atentar para o fato na sua realidade. O jogo, por exemplo: Ele existe, joga-se em todos os lugares, joga-se na rua... Apesar das proibições. Vivemos numa hipocrisia onde o fato existe e é ignorado. Então a solução é abordar-se o fato, dando-lhe a devida atenção. No caso do jogo, a solução seria oficializá-lo, pois é impossível erradicá-lo. O mesmo acontece com os travestis, os homossexuais e as prostitutas. Eles existem. Então nós temos que, de certa forma, regulamentar essa atividade, esse tipo de comportamento, porque você não pode erradicá-lo, você não pode eliminá-los, eles são entes humanos. Então, nós temos que compreendê-los nos seus desejos, nas suas vontades. Estamos vivendo, na verdade, um mundo de hipocrisias."

Juridicamente parece tudo acertar-se perfeitamente, ignorando-se mais uma vez o fator social. Um simples parágrafo altera uma situação ainda muito distante da compreensão do todo social. Os lucros prometem ser altos: que o diga o Deputado José de Castro Coimbra. Marias serão realmente Marias, e não José como outrora. Parece um conto de fadas. (**Antônio Carlos Moreira**).

Claudie: o transexualismo é um estilo de vida?

Fotos: Renato Comodo

Claudie diz que não ama os homens mas vive há vários anos (e aos beijos) com Samir

Claudie vive um pouco como uma estrela de cinema. Roupas chocantes, muito brilho, muita elegância. Em Paris ou no Rio circula pelo Regine, Castel, Hipopotamus, ou então, a Lapa, o Sótão. Daí que se tem a tentação de começar uma matéria com Claudie no estilo de repórter da Amiga, entrevistando uma estrela de televisão.

Claudie é do signo de Escorpião, nascida a 16 de novembro, num lugar não longe de Paris. Mais tarde morou um tempo em Bordeaux, acompanhando o pai, militar de carreira; depois, quando ela tinha doze anos, vieram para Paris.

Atriz favorita: Sophia Loren.

Prato preferido: puré de batata, simples, com carne moida.

Tímida, fala pouco, e baixo. Se fala um pouco mais alto, a voz sai mais grave do que gostaria.

Problemas

Sim, eu tenho problemas. É um problema de verdade, ser travesti. Mas às vezes sinto como se não fosse um problema para mim, e sim, para os outros. Mas repare, as mulheres também têm seus problemas, e muitas vezes são o mesmo tipo de problemas que eu tenho. Enfim, são as pessoas que criam problemas a nível do sexo. Não é um problema pelo fato de fazerem amor comigo, mas acho que é um problema para eles em relação aos outros.

O que você acha dos homens?

Não tenho opinião. Nenhuma idéia. Sim, eu tenho necessidade deles, mas não os amo. Na verdade, eu me sirvo deles. Eles se acham superiores, mas sou eu que sou superior, porque eu os tenho quando quero. As relações que tenho com os homens são de cama, nada mais. Quando eles me dirigem a palavra é para ir pra cama. Então, tudo bem: se me agradam, eu vou. Eu não tenho nenhum outro tipo de relação com eles.

O dia-a-dia

Eu faço o que todo mundo faz. Cuido da minha casa, arrumo, faço a cama, passo aspirador. Vou às compras. Não tenho empregada. Gosto de cozinhar, mas não sobra muito tempo porque me levanto tarde.

E quem te sustenta?

...Silêncio...(**longo**)... E quanto custa, sustentar Claudie? — Ah! custa muito, tenho muitas despesas. Gosto de me vestir bem, e tenho dois carros, um Mercedes esporte (azul metálico, forração em bege), e um Austin. O Mercedes, por ser importado, paga uma taxa especial na França, porque tem alguns HPs a mais do que é permitido. E com os preços da gasolina... E tenho dois apartamentos: um onde vivo, e outro onde recebo as pessoas. Não misturo as duas coisas.

As operações

A gente não pode ter medo. Eu nunca me perguntei se iria ter problemas ou não, se poderia morrer. Eu tinha 23 anos quando decidi me operar. Sempre quis, e um dia teria que me decidir. Fui pro Marrocos sozinha, e quando voltei tive problemas de infecção. Sofri bastante, tiveram que me abrir mais uma vez. E alguns meses mais tarde, vencida a infecção, voltei novamente ao Marrocos, para completar a primeira operação. (Além disso, Claudie fez plástica no rosto).

Gostei de Claudie num instante. Ela tinha vindo em férias, por quinze dias, com o namorado, Samir, um argelino, com quem vive há três anos. Nos conhecemos porque ela é amiga de um amigo que vive em Paris. Resolvi escrever sobre Claudie porque é uma pessoa interessante como poucas, inteligente, sensível, e muito consciente do mundo em que vivemos.

A biografia de Claudie registra duas operações realizadas no Marrocos, aos vinte e três anos, quando se tornou fisicamente mulher, como ela diz, porque até então se sentia mulher em espírito. Hoje, aos trinta e três anos, Claudie vive, como se costuma dizer, a "grande vida", tanto quanto lhe permite o dinheiro e as relações com um mundo que ela sente problemático. Mas não se queixa, e nem se sente especialmente oprimida pelo fato de ser travesti. "Todo mundo é oprimido, todo mundo tem problemas."

Mas uma coisa a desagrada especialmente. O fato de que as pessoas não a vejam com uma individualidade própria, e somente como travesti, enquanto que ela se sente uma pessoa diferente, original.

Claudie quis conhecer os bares da moda. No Baixo Leblon, os homens se viravam, alguns para admirar "aquela beleza de mulher", outros, na maioria, para dizer grosserias. Uma noite Claudie estava em clima de fazer confidências, mas foi preciso sair do bar em que estávamos, porque os homens interrompiam a toda hora, para dizer gracinhas, ou sentar-se a mesa sem serem convidados.

À saída do Degrau, um encontro inusitado: Fausto Wolff, do Pasquim, que saía cambaleante e sussurrou ao ouvido dela: "sou um idiota de ir embora agora". Depois, Claudie quis ir ao Sótão; não nos deixaram entrar; não se permite a entrada de mulheres desacompanhadas.

O AMOR, UMA SÓ VEZ

Não, na verdade, não foi tão importante assim. O que eu digo, é que por uma vez experimentei a sensação de amar verdadeiramente alguém. Isso durou uns seis meses: ele acabou se casando com uma amiga minha. Ela morreu pouco tempo depois, o cérebro explodiu por excesso de drogas. Eu ainda saí algumas vezes com ele, mas agora me é indiferente. Não tenho mais sentimentos.

De qualquer modo eu não lamento o sofrimento. A gente sofre porque está vivo. Para mim o sofrimento e a dor têm o mesmo valor que a alegria. Enfim, o que quero dizer é que num momento cheguei a amar alguém profundamente, e desde então nunca mais senti a mesma coisa.

TRABALHO

Uma amiga de Claudie, que trabalha em cinema, tentou introduzi-la no meio, certa de que tem talento. Claudie chegou a estrelar um filme, intitulado **Superwoman**, onde faz o papel de uma jornalista interessada em desvendar o mundo dos travestis. Mas ficou por aí, não fez nenhum esforço por continuar. Acha que deve ser bom ter uma profissão de que se gosta, mas o cinema é difícil, porque todo mundo quer fazer e a concorrência é muito grande, há muitas atrizes mais jovens e mais bonitas. "Não sou muito segura de mim."

BELEZA

Ela se diz consciente da sua beleza, e a usa

como um capital. Sabe que um dia esse capital vai acabar, mas não se preocupa em guardar dinheiro. Vive o dia-a-dia, esquece que o futuro existe. Porque, como diz, "se me ponho a pensar, acabo me atirando pela janela."

Ser travesti

As pessoas fazem mal em não diferenciar entre um travesti e outro. Para elas os travestis são uma coisa só. E no entanto, são pessoas com suas diferenças e semelhanças. Eu por exemplo, me acho diferente na maneira de ser, de pensar. Os travestis se freqüentam entre eles. Eu não frequento travestis. Eles só vão às boates de travestis, as lésbicas a boates de lésbicas, os **pedês** às boites de **pedês**. Eu acho que o problema é que eles ostentam uma aparência, mas que no fundo não se sentem mulheres. Quando a gente conversa com eles é meio decepcionante.

Foi um pouco a impressão que tive no espetáculo Gay Fantasy (Teatro Alaska). Eu tive a impressão de que eram pessoas que se travestiam para o espetáculo. Não verdeiros travestis. Aliás, não gosto dessa palavra, não diz nada.

Sexo e poder

Numa relação sexual, depende; às vezes sou eu quem dirige, às vezes a outra pessoa. Depende com quem estou. Em geral, me satisfaço na cama, e não tenho vontade de ter outros tipos de relações com homens. Quase não falo com os homens com quem vou para a cama. Não sei se eles teriam vontade de falar. Não me interessa saber quem são, ou o que fazem. Nunca tive problemas com homens violentos, e por acaso, porque as pessoas que escolho, poderiam ser pessoas de comportamento violento, mas não têm nenhuma razão para serem violentos comigo.

O homem ideal

Claudie não gosta dos franceses, nunca sai com homens franceses. E dos brasileiros tem a opinião clássica: são mais quentes, mais calorosos, mais descontraidos.

— Em Paris, felizmente, há muitos estrangeiros — árabes, judeus, italianos... Meu tipo ideal tem que ser moreno, cabelos pretos, alto. Não importa se seja inteligente, ou não.

O caso atual

Samir é talvez o caso mais duradouro de Claudie. Estão juntos há três anos, com intervalos de brigas, separações e retornos. Vivem juntos num dos apartamentos de Claudie, onde ela faz todo o trabalho doméstico. "Já me aconteceu, umas duas vezes, de passar o aspirador em casa", mas Claudie não deixa. Ela revela que tem um lado seu, de mulher árabe, que gosta de servir ao homem. Mas em compensação, diz ele, todos os dias sou eu quem prepara o café da manhã para ela, que é sempre muito exigente

Cena de ciúme. A saida de um restaurante, Claudie diz que vai continuar na rua, quer ainda tomar umas caipirinhas. Samir tenta convencê-la a ir para casa. Ela resiste: não quer dormir ainda, é cedo. Ele força: você vai subir comigo. Afinal você veio passar as férias comigo, ou com os brasileiros. Ela se deixa levar, cheia de dengos).

Claudie sustenta Samir, que não trabalha. Na verdade, a não ser uma ponta num filme com Jack Nicholson, filmado em Marselha, nunca suou a camisa desde que veio para a França:

— No inicio fui gigolô, vivendo durante oito anos com uma médica francesa, especialista em doenças da coluna vertebral. Eu a conheci numa boate. Ao fim de oito anos já estava cheio. Fui para Cannes, e lá conheci a mulher de um ministro belga, de quem me tornei amante. Ela tinha 40 anos, e eu, 27. Depois ela voltou para a sua cidade, na fronteira com a França, e nos encontrávamos durante algum tempo.

Depois do caso com a mulher do Ministro Samir conheceu Claudie e juntos estão até hoje Samir diz que não sabe na verdade, o que é amor. Mas para ele, o importante é sentir-se bem com alguém, e isto ele sente ao lado de Claudie.

Claudie se diz ciumenta. Todas as brigas com Samir foram por ciúme. Ela o sustenta, e exige fidelidade. Não suporta que ele dê atenção outras moças. E é extremamente gentil com ele. Antes de sairem ela lhe dá o dinheiro para pôr na carteira. Afinal, quem paga a despesa é o homem. **(Odacy Costa).**

Claudie e Samir: apenas mais um casal?

...Esse espírito dos sexos

Ninguém é obrigado a sofrer seus problemas sexuais em silêncio. aliás, nem deve. Quem seria capaz de dispensar o sexo em sua vidá? Viver inteiramente o papel do sexo oposto experimentando um sentimento incontrolável de **estar no corpo errado** é um fenômeno genético que desorienta **o transexuado.** Os conceitos variam muito. Vêm desde o nascimento, segundo alguns e, desde a primeira fase da infância, segundo outros. É um problema temporal, espacial e cultural nos mais diferentes periodos da História. A mitologia grega está repleta de exemplos. E neste angustiante comportamento sexual e existencial, é difícil estabelecer-se a fronteira exata entre o **normal** e o **anormal.** Pois, em matéria deste sexo, o **normal** é uma questão cirúrgica e não moral.

Afinal, à única fonte de prazer biológico do ser humano é o sexo. O transexual masculino não aceita seu sexo biológico pois é uma entidade que se caracteriza basicamente pela profunda rejeição que o individuo afetado sente em relação ao seu sexo anatômico. Ai, ser feminino ou masculino é uma questão de vida, de morte. É uma necessidade real que a pessoa sente de adaptar-se ao meio que o condena. Se "ele" usa roupagem de mulher não é para se gratificar ou para se exibir. "Ele" se **sente mulher mesmo,** e se traja de acordo com sua identificação mais profunda com o sexo feminino. Em roupas de homem, "ele" se sentiria mal, desajustado.

E o vice-versa acontece para quem vive geneticamente o seu lado feminino. "Ela" passa **a ser ele numa identidade totalmente masculina. Esta convicção intima do transexual vai se** aprofundando com o correr do tempo e se tor**nando numa intensidade cada vez maior.** O que se processa ai é **um fenômeno genético desviado** para os médicos, uma perversão para os leigos ou os falsos moralistas, uma natureza típica dos **erros da gestação.** Para o transexuado, não passa de um inferno. E a única saída é a cirurgia, a troca de identidade e, dos seus órgãos genitais. Ou o suicídio.

A intervenção cirúrgica nem sempre resolve o problema da pessoa. Mas é necessária para impedir o suicídio. Pois o transexuado é incapaz de estabelecer um relacionamento socialmente aceito e considerado normal. E isto o desorienta a todo instante. É combatido pelo grupo familiar; excluído, quando adulto, do serviço militar. Ao atingir a **maioridade,** começa a odisséia da procura de emprego. Em trajes femininos, com aparência feminóide, não tem **coragem de exibir seus documentos em que consta prenome masculino. Sobrevive, então,** recluso no lar familiar, quando os pais o aceitam, ou explorado em ocupações eventuais, sem poder ser registrado, em condições que vão desde a penúria extrema até a exploração de pessoas que, conhecendo sua situação, o remuneram de maneira aviltante. Além de sua precária situação econômica, sofre por causa das limitações que sua condição impõe aos relacionamentos afetivos. Não se considera homossexual, em geral se apaixona por homens **normais,** sonhando com a possibilidade de um relacionamento amoroso **normal.**

ESTAMPAGEM

Logo após a fecundação, uma série de divisões celulares se inicia para o desenvolvimento do embrião no útero materno. Logo nas primeiras semanas, surgem os esboços dos dois aparelhos genitais. De fato, no início, o embrião é ambissexual. A seguir, um sistema genital vai predominar sobre o outro que acaba por desaparecer, deixando alguns restos insignificantes apenas. A causa desse rumo evolutivo está na constituição genética do embrião. Quando **portador do cromossomo Y, ele vai ter suas glândulas sexuais indiferenciadas transformadas em testículos. A produção de hormônios masculinos já se inicia na fase fetal. Os andrógenos secretados pelas gônadas fetais vão atuar em dois setores de capital importância. Vão promover o crescimento e a masculinização dos genitais externos e vão também atuar no cérebro "masculinizando" seus centros sexuais.** O cérebro fica assim **programado** para mais tarde, **secretar substâncias estimuladoras da hipófise seguindo já um ritmo masculino.**

E a criança fica "programada" para ter personalidade e impulsos sexuais masculinos. Falhas nesse processo de **imprinting** (estampagem) ocorrem por diversas **causas. Dentre** elas, a alteração numérica ou estrutural dos cromossomos sexuais, **stress** inusitado na gestante, ingestão de barbitúricos ou de substâncias androgênicas pela gestante na fase critica de **estampagem** cerebral e insensibilidade dos tecidos ao hormônio masculino. Portanto, as alterações genéticas associadas aos vários casos de transexualidade do tipo **XXy** ou **X0** já foram estudados. Numa última pesquisa realizada numa Universidade de São Paulo, um grupo de transexuais estudados apresentava 36 por cento de alterações em sua constituição genética. A insensibilidade ao hormônio masculino caracteriza uma condição chamada de "síndrome dos testítulos feminilizantes".

Nesta entidade as crianças têm aspecto feminino, embora sua constituição genética seja **XYx** e, portanto, masculina. Crescem, vivem, se sentem como mulheres, e até casam, embora sua vagina termine em fundo cego e não existam ovários, Eis o ponto crucial, **portanto. Existem** indivíduos em que o sexo genético (cromossômico) está em discordância em relação ao sexo psicológico e social. Trata-se de casos de inter-sexualidade. Seria **uma inter-sexualidade** a condição do **transexual?** Segundo o cientista Money, sim; ele a rotula de **hermafroditismo psiquico.** Evidentemente, trata-se de uma ampliação moderna do rançoso conceito clássico de hermafroditismo que limitava o rótulo aos portadores de tecidos ovariano e testicular concomitante. Infelizmente, esse **hermafroditismo psiquico** é irreversivel, constituindo a grande tragédia do transexuado. Existe tratamento?

METAMORFOSE

O tratamento psicoterápico é inútil, pois a causa psicogênica do distúrbio é atribuido a um defeito genético ou neuro-hormonal congênito. O distúrbio é tão profundo, arraigado e estruturado que o paciente adulto não modifica sua orientação psicossocial através deste tipo de tratamento. As referências relativas à psiquiatria também são, unanimemente, de uma inutilidade total. O único tipo de tratamento que beneficia os pacientes é a conversão cirúrgica.

Estudos pós-operatórios realizados na Suécia e nos Estados Unidos mostram que após a cirurgia a maioria dos pacientes revelou um ajustamento social mais satisfatório, com atenuação da ansiedade e da depressão, aumento do índice de empregos e melhora do relacionamento intrafamiliar. Obtém-se, assim, através da cirurgia, uma melhor integração do indivíduo. É claro que a cirurgia, para ser coroada de sucesso, deve ser realizada nos moldes utilizados nos Estados Unidos. Centros especiais para o tratamento dos transexuais funcionam, naquele pais, ligados a hospitais universitários.

A situação aqui, no Brasil, criou um impasse, pela divergência entre a orientação terapêutica, ditada pela moderna Medicina, e a jurisprudência. Contudo, é preciso que médicos e legisladores encontrem uma solução legal para o tratamento dos transexuados, pessoas inocentes que não podem nem devem ser abandonados pela sociedade, a todo momento impondo modelos para o comportamento sexual da pessoa. Acontece que nem todas as pessoas conseguem adaptar-se às imposições do meio, como é o caso do ser transexuado, de sua metamorfose sexual que forma ainda a chamada **minoria erótica,** com todos os seus sonhos, desejos, ilusões e ambições... Por que não? **(Regina Nóbrega)**

Doença venérea: o mito e o rito

O singular do título é proposital. Antes de, e por causa de tudo, trata-se de doença, assim nomeada e revestida do pátrio-poder. Doença que invade o recôndito do ser e o corrói qual chaga a ser penitenciada e realimentada no quotidiano. É o estigma, a crueldade do medo infame e destruidor.

"Acho que estou com sífilis." A expressão estampada no rosto é quase sempre de dor, de culpa, de resignação ao castigo, pelo possível prazer vivido, pela aspiração à felicidade e à coragem de ser, de buscar e gozar o encontro. Afinal, que diferença é esta de **estar com** e **ter** uma doença? A exterioridade se faz presente no verbo: se a doença venérea é **algo**, torna-se uma entidade que ganha condição de sujeito e, como tal, estigmatiza. Ao contrário, **ter** a doença é devolver a ela sua vulnerabilidade, sua possibilidade de cura. Ela queixa de ser algo abstrato e onipotente para se tornar um processo possível de conhecimento e de tratamento. Passa a ser um apêndice do sujeito, por ele conhecido e com significado próprio. Mas a apropriação do sujeito pela doença reificada é destruidora. Algo parecido só com a doença mental, onde há um processo semelhante.

"Doenças venéreas": por definição e conceito, doenças transmitidas durante e através do ato sexual — "uma vez ou outra" por vias outras (quase dá rima). Parece que é por aí que a coisa começa: "através do ato sexual". Heresia(Sexo, pessoal, é pra cinema, TV, quando muito para fofocas entre amigos. Pra gente não, gente que aspire a ser feliz. Meninos e meninas, olhar pra cachorro trepando é o máximo, e assim mesmo dá verruga no nariz. Isso é meia-conversa, a de ontem. Hoje, até já dá para dar uma transadinha — de preferência meio rápida, que é pra não comprometer.

Tal conceito é mais ou menos corrente, e por essas e outras é comum o pessoal se mancar e não procurar tratamento adequado, reproduzindo aqui e agora dois mil anos de civilização judaico-cristã-ocidental, dicotômica e dual. A seguir, dou algumas dicas de caráter clínico, para tornar um pouco mais fácil a identificação e para que sirva, de fato, para alertar que a pessoa humana enquanto tal merece respeito, carinho e amor, a começar de si para consigo, despojando-se do narciso onipotente e almejando a felicidade.

SÍFILIS

Sempre que perceber na mucosa oral (para os amantes da felação), pênis, ânus, vagina, etc. pequenos ferimentos — por vezes, simples rachaduras que ardem com água e sabão — verifique apalpando (se preferir, e aqui é desejável, peça para alguém que entenda). Se existir uma formação endurecida na periferia da lesão, é aconselhável e quase obrigatório (sobretudo, para as pessoas que curtem transar na base da "alta rotatividade") fazer um exame sorológico (dosagem de anticorpos no sangue) para sífilis. Sempre que notar qualquer lesão do tipo referido, não titubeie: procure um serviço médico. Por vezes, aparecem também formações tipo verruga na borda anal ou dos grandes lábios. Em tese, os sinais referidos correspondem à sífilis recente primária — **cancro duro.** Esta fase dura em média, 30 dias e a lesão desaparece expontaneamente, o que **não** implica em cura. Boa parte dos indivíduos que têm a lesão primária sofrem de cura espontânea; todavia, grande parte evolui para outras fases, se não for tratada. Daí, a necessidade de um rigoroso controle médico.

O tratamento na fase inicial é simples e, se executado com rigor, garante cura completa. Nos casos não tratados ou inadequadamente tratados, a sífilis poderá evoluir para um estado de latência que dura de 6 meses a dois anos, quando irromperá a chamada fase secundária, muito conhecida pela exuberância de sinais. O indivíduo aparece com manchas de tamanhos e bordos irregulares, descamativas e com prurido, predominantemente no tronco. Nessa fase o contágio é quase certo, face ao agente (treponema pallidum) encontrar-se à flor da pele. Cuidado. Aqui o exame sorológico é sempre positivo, o que pode não ocorrer na fase primária da sífilis que, às vezes, exige exames repetidos a cada 15-30 dias. O tratamento é mais extenso e rigoroso, mas a cura garantida. É só procurar atendimento adequado e especializado.

Após essa fase, as coisas se complicam. Se não houver tratamento efetivo dá-se a evolução para a fase terciária ou tardia, com sérias complicações, algumas das quais de caráter irreversível no sistema nervoso e aparelho circulatório. O tratamento ainda é possível e deve ser feito. Alguns casos, mesmo não tratados, não evoluem para a fase terciária, mas é bom não confiar. Da sífilis fica a lembrança: transar é bom e saudável, todavia é necessário responsabilidade para com você e o Outro. A cada 6 meses ou no máximo um ano, faça um exame sorológico. Vale a pena. No final deste artigo, encontram-se algumas indicações de serviços a procurar.

GONORRÉIA

Fase aguda: na maioria dos casos, num prazo médio de 48 horas a 7 dias após o contágio, aparece uma secreção abundante, algo esverdeada e que começa, no caso da gonorréia genital masculina, com uma sensação de calor na uretra (canal urinário), o mesmo ocorrendo na mulher — no caso, com irritação vaginal, evoluindo para a secreção que tem um mau cheiro, é abundante e deixa marcas nas roupas ítimas. Ao urinar, a sensação é de alguma coisa "rasgando" o canal. Essa é a gonorréia aguda, mais comum.

Nos casos mal cuidados ou sem tratamento, poderá advir uma cronificação da doença, caracterizada pela presença da famosa gota matinal ao se comprimir o pênis. O tratamento é fácil; todavia, é necessário exame de laboratório para identificar a bactéria causadora, visto que muitas vezes a infecção crônica é provocada por outro agente que não o gonococo. As "uretrites" são, em resumo, esses processos inflamatórios do canal urinário (masculino e feminino) que podem ser agudas ou crônicas.

Indispensável lembrar: a gonorréia na mulher e a gonorréia anal muitas vezes são assintomáticas, mas quase sempre está presente o muco (catarro) nas fezes ou nas mucosas vaginais. Não se deve fazer tratamento sem saber se realmente é uma infecção gonocócica. Há bactérias resistentes que implicam em procedimentos clínicos mais demorados (exemplo: processos crônicos com infecção na próstata). Procurar sempre atendimento clínico especializado para os exames necessários (cultura e prova de sensibilidade e antibióticos).

CONDILOMA ACUMINADO

São formações que lembram verrugas, com secreção mal-cheirosa, e que aparecem na cabeça do pênis ou logo abaixo, nos pequenos e grandes lábios vaginais, nas pregas anais e mesmo na mucosa oral (raros). Sua incidência está ligada a condições de higiene pessoal insatisfatórias. A cura é fácil desde que executada por pessoa qualificada.

LINFOGRANULOMA VENÉREO OU MOLÉSTIA DE NICOLAS FAVRE

É doença rara,extremamente dolorosa, que se caracteriza pela presença de gânglios (ínguas) aumentados nas virilhas que incham e às vezes se rompem. Sempre procurar um especialista.

CANCRO MOLE

É uma ferida aguda, dolorosa, de fundo purulento e borda inflamatória, que aparece de 1 a 3 dias após o contágio. A seguir, surgem os gânglios inguinais. É comum a infecção mista com a sífilis, daí a necessidade de ser procurado atendimento especializado, sempre que se notar uma lesão genital ou de mucosas. Não descuidar.

• • •

Para terminar, quero lembrar que o INAMPS tem serviços de urologia, dermatologia, proctologia e ginecologia, podendo e tendo como obrigação atender aos segurados da Previdência que deles necessitem. Façam valer esse direito. Além do INAMPS, existem os Centros de Saúde, que dispõem de serviços de dermatologia sanitária gratuitos, para atendimento à população. Em geral, junto aos Hospitais-Escola existem serviços de controle sanitário que também oferecem atendimento gratuito ou com pequenas taxas. Para os que podem pagar, é só procurar um especialista nas áreas referidas, conforme o caso.

A partir do próximo número o Lampião iniciará um serviço de atendimento postal aos leitores, na área de doenças venéreas. Basta mandar carta para nossa caixa postal, em nome do Dr. Antônio Carlos Fonseca, expondo dúvidas e questões a respeito. As perguntas e suas respostas serão aqui publicadas, para esclarecimento dos leitores.

O vaivém da poesia pornô

Eles declaram estar fazendo uma revolução literária tão importante como a da Semana de Arte Moderna — e o JB, em recente artigo sobre os atuais caminhos da poesia brasileira, achou a declaração muito pretensiosa. Eu também acho: a comparação é simplesmente uma audácia. Mas, quando se trata de fazer escândalo do incesto entre a poesia e a pornografia, a audácia não é apenas uma jogada publicitária, é o toque indispensável: na verdade, eles estão fazendo algo de novo e de importante (e aqui já corro e me incluo: estamos).

"Eles", no caso, são os poetas Eduardo Kac, garotão carioca de 18 anos (muito fofo), e Kairo Trindade, gaúcho radicado no Rio (idem). Ambos iniciaram aquilo que está sendo chamado de "movimento de poesia pornô" e, juntamente com o cearense Mano Melo, o mato-grossense Aclyse e os cariocas Tanussi e Claufe, formaram o grupo "Gang". O "movimento" foi conduzido comme il faut, com manifesto, miniantologia e tudo. O manifesto "Feito nas coxas") foi lido pela primeira vez na Feira de Poesia da Cinelândia, em 6/9/80, e pouco depois saiu a antologia QUEM É DA NOSSA GANG NÃO TEM MEDO, incluindo trabalhos da turma e de astros convidados, como Leila Míccolis, o paulista Ulisses Tavares e este bofe que vos fala, os quais aderimos imediatamente ao manifesto e à bacanal. Ingenuidade? Estrelismo? Oba-oba? Calma. Eu chego lá.

De fato, a poesia de cada um dos integrantes tem características próprias, com maior ou menor dose de, digamos, informação — e todos eles já tinham declarado guerra ao bom-comportamento (social e literário) e amor ao prazer, sob as mais diversas formas de expressão, desde a fálica ("pau grande não é documento/ curta e goze/ com a curta e grossa..." — ESCOLA, de Kac) até anal ("... Canto com o cu." — MÚSICA, de Kairo), passando pela escatológica ("... és avessa foste cagada da vagina/ da América Latina" — MANIFESTO COPROFÁGICO, com o qual este veado que vos escreve faturou o já longínquo VI Concurso de poesia falada da editora Vertente em 79), com lances de social ("... o revólver do trombadinha/ é um pinto..." — PORNOGRAFIA, de Ulisses) e de cultural ("Se eu lhe chamo de putinha/ sou machista e indecorosa/ No entanto, se não chamo/você não goza..." — DOS MALES O MENOR, de Leila).

É essa circunstância tipo cabaré de zona que os reúne agora. Em seu poema MÃO NA FESTA, Kairo Proclama: "Pelo strip-tease da arte! Abaixo as calças! Todo mundo nu!". E Kac, em seu próprio manifesto FALE CU, desabafa: "Chega de eufemismos, a arte nasce nua e crua. Só uma excelente trepada pode desviá-la de um mau caminho." E acrescenta: "Viva o lirismo! Liberdade, abre as pernas, meu amor...".

É manifesto a dar com pau. Ou quase isso. E o problema com os manifestos é que eles são maravilhosos pra dizer o que a gente gostaria de fazer, mas não necessariamente o que a gente faz. No caso, todos estão baqueados de saber que o sexo em poesia (e não estou falando da mera poesia "erótica"), assim como o palavrão, não foram inventados na feira da Cinelândia. Em compensação, ainda hoje poucos "estudiosos" conhecem de cabo a rabo a obra de um Marcial, de um Abade de Jazente ou de um Bocage, de um Gregório de Mattos ou de um Bilac (Bilac, sim senhoras, que chegou, inclusive, a compor, em secreta parceria com Coelho Neto, sim senhoras, um "Almanaque do Ânus" só com poemas obscenos) — para citar os mais desabridos, todos muito visados em seu tempo e mais ou menos clandestinos pela posteridade afora.

Portanto, não se trata nem de oba-oba, nem de ingenuidade. Talvez de oportunidade. O pessoal da "Gant" não se candidata ao trono de precursor da pornografia nem pretende recriar a linguagem poética ou vanguarda que o valha (muito embora incorporem recursos de poema-processo, mail-art e multi-média na programação da antologia). Mas, mesmo sem sair do discursivo e do coloquial, estão fazendo algo que Bilac não imaginaria: expor e declamar poemas "obscenos" em público (show no teatro do CEU, em janeiro, e todas as sextas a partir das 21 horas na Feira de Poesia, onde a antologia está à venda).

Pode ser isso um evento mais de natureza social que propriamente "poética". Pode ser que, como revolução estética, o "movimento" em si não represente qualquer avanço, nem retrocesso.

Digamos que representa ambas as coisas alternadamente, já que é um movimento repetitivo ou, por outras palavras, de vaivém. O que importa é que andávamos precisadíssimos de toda essa sacanagem no mesmo saco. E ainda falta muita sem-vergonhice na nossa literatura. Se não é uma revolução, é uma revelação. (Glauco Mattoso)

Quando a sacanagem é criativa

A afirmação vai, possivelmente, parecer um pouco **detraquée** e feita quase que a queima roupa, mais não há porque deixar de fazê-la: a criação pornográfica tem conseguido arrancar mais desprezos e narizes torcidos que qualquer outra criação, mesmo que isto não signifique que seu público seja menor, digamos, que o da música popular brasileira. E não vai nesta comparação nenhuma provocação escondida — acontece simplesmente que tem mesmo muita gente que freqüenta a pornografia, o que tem feito dela um vasto mercado paralelo.

Mas eu me lembro muito bem da primeira revistinha de sacanagem ilustrada que li, daquelas com desenho feito a mão e que chamávamos, não sei porque, de catecismo. Escondido, meus olhos passeavam com certo ardor sufocado pelas páginas que me mostravam os meus primeiros corpos nus e que me ensinavam as delícias do sexo, coisa em que eu nunca havia pensado antes. E estas delícias, pelas condições em que tinha que lidar com as revistinhas, eram imediatamentes ligadas a proibição, a ansiedade e aos momentos mais desprezíveis de minha imaginação. Nesta mesma época, minha entusiasmada professora de português nos ensinava tudo o que sabia sobre educação sexual. Com ela, aprendi que o sexo é algo honrado, que deve ser praticado em nome do amor e da continuação da espécie e que, mesmo admitindo-se o sexo antes do casamento, a coisa deveria ser feita com o parceiro escolhido a dedo, caso contrario cairíamos, para sempre, no abismo da vulgaridade. Esperávamos, as meninas de minha sala e eu, que um príncipe encantado chegasse e nos arrebatasse de nosso casto marasmo. E aprendíamos, envolvidos em um clima de falsa modernidade, os mais caros valores de nossa cultura que sempre olhou os nossos corpos com maus olhos e que sempre se empenhou em amargar o nosso coito. Tanto que esta professora nunca nos falou exatamente das delícias da cama nem nunca mencionou que podemos compor posições variadíssimas que dão mais prazer, inclusive, à própria procriação. Isto eu aprendi mesmo com a pornografia.

Vai daí que estas lojinhas que vendem materiais pornográficos fazem um belo manancial. Há quem diga que elas apresentam uma versão suja do sexo, mas acontece que para muitas cabeças povoadas pala bem-aventurança do espírito e desaventurança do corpo, o sexo nunca deixou de ser uma manifestação da latrina. E quem procura dar ao sexo a discutível aura de pureza e dignidade, está sejamos francos, querendo concordar com quem lhes ensinou que as vontades do corpo são um embaraço e que os contatos físicos só podem ser realizados em momentos e lugares especiais. O sexo porém, não tem que andar sempre por caminhos tortuosos, carregados de filó que esconde o que ele realmente é e a pornografia mostra que até os desejos mais escondidos e vergonhosos podem se tornar públicos. O sentimento de culpa e o fino pudor dos enrubescidos têm realmente que ir por água abaixo.

E será que os **pornoshops** mostram mesmo o sexo de maneira violenta? Quem entra em uma das lojinhas e folheia uma das revistas não pode se dar ao luxo de pensar em violência, já que entrou e folheou porque quis. Se eu pratico, e sinto um agradável prazer a percorrer-me a espinha no momento da prática, acaba aí a violência. A diferença que há entre uma relação sado-masoquista, por exemplo, e uma sessão de tortura nos porões da cadeia é que no primeiro caso, as duas partes envolvidas no jogo estão de acordo e querem ir até o fim enquanto que, na segunda, apenas uma das pessoas terá, possivelmente uma ereção. De uma vez por todas eu faço o que eu quero, não posso estar violentando a minha natureza. Pelo contrário, estou sendo feliz junto com ela — sem esmagá-la, sem corrompê-la e sem tornar-me um esquizofrênico domesticado, a quem é permitido mostrar apenas uma parte de si próprio.

Por isto é que imagino a felicidade de quem pode entrar em um **pornoshop** e comprar todo o material erótico que habita os seus sonhos. E poder fazê-lo de maneira tão pública equivale a sair do esconderijo a que nos forçaram, a nós, homossexuais, a viver por tanto tempo. Justamente por isto, por esta longa experiência de comer o pão que o diabo amassou e tentar viver são em um mundo que sempre nos olhou como se fôssemos, no mínimo, doentes é que não podemos correr o risco de decidir qual desejo pode ser realizado e qual deve ser extirpado à força.

Já pouco importa, agora, que certos desejos tenham chegado até nós por meio de uma visão enganosa do mundo e das pessoas porque preocupar-se com isto seria chorar sobre leite irremediavelmente derramado e, com toda certeza, estaríamos perdendo nosso tempo a lamentar o pecado original que, mesmo sendo simples como morder uma maçã, foi considerado fatal. Importa, na verdade, que o indivíduo possa viver as suas diferenças até esgotá-las e que elas façam parte de nosso cotidiano tão mesquinhamente corriqueiro e monótono, onde somos obrigados a cultuar a falsa harmonia do mundo e a uniformidade do Estado. O caos, sem dúvida, não interessa a quem mantém o controle e puxa a rédea, mas é bastante mais criativo que o cosmo oficializado que me impede de coexistir com todos estes outros seres que me habitam e que não deixa que eu me desdobre como um leque. Enfim, se eu posso admitir que abrigo outros seres, já não corro o risco de ser considerado insano e, melhor ainda, se posso vivê-los; não haverá quem poderá me chamar de louco furioso que não interessa à ordem dita natural e que deve, portanto, ser recolhido. A desordem é muito mais saudável e fértil que a ordem e nela cabem todas as variantes.

De forma que costumo olhar com um certo sorriso de apoio a quem sai de um **pornoshop** com o seu vibrador recém-comprado ou com seu manual de instruções que lhe ensina como tirar o máximo de prazer de seu cão de estimação. Ele seguramente será mais feliz que os puros, que insistem em sofrer por não serem tão realmente puros como acreditam que deveriam ser. (Alexandre Ribondi)

Minha quase experiência sexual com um anão guei

Há cerca de um ano atrás, dei-me ao luxo (ou ao lixo), por insistência de minha amiga Myriam Pérsia, de comparecer à insuportável Boate Regines, de propriedade da insuportável Dama da Noite do mesmo nome. Eis que, no meio de colunáveis de toda espécie (políticos, artistas, proxenetas, deputados, cartomantes, travestis, bicheiros, muambeiros, e outros menos votados), surge "La Reine", segundo os colunistas sociais, carregada numa liteira por, simplesmente, seis anões. Mais recentemente, no filme "Estórias que as Nossas Babás não Contavam", a sardinha 88, ou melhor, a atriz Adele Fátima, contracenava com sete anões. Um deles, uma bicharoca incrível, capaz de matar Nélson Ned de infarte, ao final, ficava com o príncipe, interpretado pelo agora global Denis Derkian. Há mais tempo ainda, a Boate Cowboy, na Praça Mauá, apresentava um show erótico tendo como principal atração (além do nosso amigo Edy Star), um anão superdotado, cujo pênis ficaria mais à vontade num Steeve Reeves, quando interpretava os Sansões e Macistes da vida em filmes de oitava categoria.

Que minoria estranha a dos anões! Sem uma organização (ou pseudo) como as mulheres, os negros, os homossexuais e, até mesmo, os índios, limitam-se a encontros num bar perto da Praça Tiradentes, à espera de trabalho em filme, circo, show ou coisa que o valha, sem se importarem com humilhações e/ou gozações.

Meu contato com anões, até o mês passado, limitava-se ao Gabriel, que, em meus tempos de "Filho da PUC" (desculpem, mas ninguém é perfeito), fizera o primeiro ano de Direito em minha sala. Depois transferiu-se para São Paulo e nunca mais tive notícias. Até que, comentando o problema com amigos, um deles me disse que vira um anão freqüentando a Sauna Flamengo na Rua Correia Dutra. A princípio não acreditei. Resolvi ligar para sua proprietária, nossa amiga jornalista Glorinha Pereira, que me confirmou: realmente, um anão, vez por outra, freqüentava sua sauna. Ante minha surpresa, ela fez-me voltar à realidade, afirmando: "Ora, Zé, se tem negro gay, mulher gay, índio gay, porque não pode haver um anão gay?"

Pensei logo em tentar entrevistá-lo para o jornal. Comentei o fato com Francisco e Agnaldo, que me deram carta branca para fazê-lo. Pedi à Glorinha que me telefonasse assim que ele fosse visto em sua sauna. E em março do ano passado, precisamente há um ano, Glorinha me avisa de sua presença lá, e que me fez desmarcar um compromisso e correr para as Termas Flamengo. Quando cheguei na sala de descanso, soube que ele estava no vapor. Vi também o quanto é difícil abordar um anão, conversar com um anão. Quando ele saiu do vapor, foi direto para o vestiário e começou a trocar-se. Fingi que ia apanhar um cigarro no armário, perguntei-lhe as horas, insinuei que não estava gostando que ele fosse embora, enfim, essas abordagens de praxe. Abordagem essa que me fez ficar com um tremendo sentimento de culpa. Eu, do alto do meu metro e oitenta, acuando aquela figurinha frágil e sofrida que tentava vestir-se o mais rápido possível e livrar-se de mim mais rápido ainda. E assim fez.

Nunca mais tive notícias. Segundo Glorinha ele nunca mais apareceu na sauna, pelo menos na sua. Até que, mês passado, jantando no Acapulco com Mario Valle e Leci Brandão, deparei com a figurinha que eu não poderia esquecer jamais. Jantava numa mesa sozinho, tranqüilamente, quando minhas quatro doses de vodka me fizeram levantar e ir falar com ele. Travou-se então, mais ou menos, o seguinte diálogo:

— Será que eu posso bater um papo contigo?

— Sobre o quê? eu já estou indo embora.

(Sentei-me) — Você não está lembrando de mim, mas nós já estivemos juntos numa sauna há um ano, lembra?

— Olha rapaz, nunca fui em sauna. O que é que eu vou fazer em sauna?

— Enchendo-me de coragem — Nós já transamos na sauna da Correia Dutra.

Ao mesmo tempo em que ele empalideceu, eu me senti um crápula. Não sei se o leitor imagina que eu, ou melhor, nós pudéssemos estar sentindo. Ao mesmo tempo em que ele pedia ao Carlinhos a conta, me perguntou, impaciente, o que eu queria com ele. E eu, com medo de perdê-lo de vista novamente, falei que trabalhava no Lampião e que gostaria de uma reportagem com ele.

— Não conheço este jornal e nem sou celebridade, respondeu-me.

Disse que era um jornal relativamente novo e que procurava defender as minorias. E que gostaria de ouvi-lo sobre isso.

— E por que você não vai a um circo, a um show e conversa com alguém disposto a isso? — respondeu-me bruscamente. — Já não bastam os problemas que eu enfrento e vem você agora querer conversar e fazer sensacionalismo em cima de uma pessoa doente? Eu vi quando vocês estavam olhando pra cá, rindo, debochando...

— Mas não era sobre você... — disse-lhe desconcertado.

— Não sei se era de mim ou sobre mim. Porque vocês, jornalistas não fazem uma campanha sadia a favor do deficiente físico? Temos problemas com elevadores, carros, calçadas altas e inúmeros outros. O aleijado é visto com pena mas o anão é olhado com deboche.

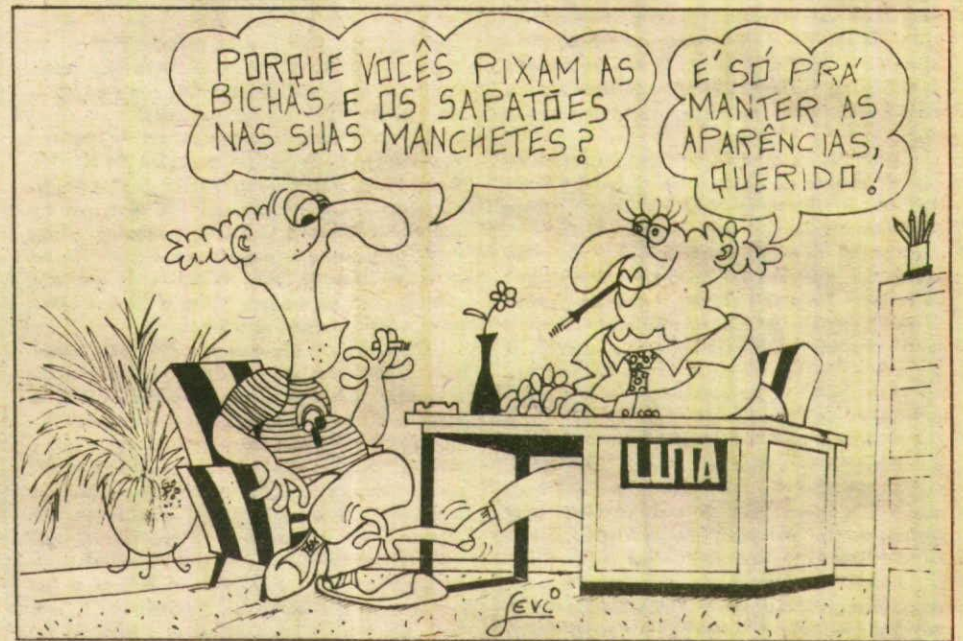
Pegou o troco e desapareceu pela rua Francisco Sá.

Fiquei muito tempo pensando se faria ou não a matéria. Com a experiência de sete anos em jornalismo com os mais diferentes trabalhos, vi que acabava de realizar, mesmo incompleta, a matéria mais difícil de minha vida. (José Fernando Bastos)

Miss Anita e a boca na moringa

O mundo dá mais voltas do que a gente pensa. De reprente, por exemplo, alguma coisa acontece com Anita Bryant, ex-Miss Beleza e Rainha da Laranja que há poucos anos atrás tornou-se famosa por liderar uma feroz campanha nos Estados Unidos contra os homossexuais. Miss Anita não apenas deixou de brandir sua bíblia contra os anormais então chamados de "devoradores de esperma". Mais: ela agora faz autocrítica, considerando sua campanha discutível porque atraiu um bando de ressentidos. Diz ter-se tornado partidária do "viva e deixe viver" — desde que os homossexuais não façam proselitismo nem exijam legalização de seus atos. Anteriormente fanática da igreja batista, Anita agora prefere acusar seus antigos correligionários de "gente legalista". Sabem por quê? A igreja batista condena o divórcio. E Miss Anita está se separando de seu marido, após 20 anos de casamento. Ela diz ter sido enganada por seu físico viril, fator que não ajudou a resolver problemas "que começaram na lua-de-mel e nunca se resolveram"...

O belo marido, por sua vez, acusa Anita de infidelidade conjugal. Segundo o jornal **Advocate**, a antiga Miss Laranja admite não ter sido santa e chega a confessar até envolvimento com drogas, pasmem! Mas viradas assim não ocorrem apenas com ela; lembrem-se que todo grande ódio é uma declaração de amor disfarçado. Pois bem, John Hinson e Bob Bauman, dois deputados americanos famosos por seus ataques aos homossexuais, foram recentemente apanhados pela polícia com a mão, ou melhor, a boca na moringa. O caso de Hinson é exemplar: estava simplesmente chupando um funcionário, em pleno banheiro da Câmara Federal americana, quando foi encontrado pela Implacável Lei que ele não quer mudar.

Como vêem, há devoradores de espermas em todos os lugares da casa. Talvez para garantir sua parcela de proteína, nestes dias em que o espectro da fome abre suas asas sobre nós... (JST)

Uma visita ao "The Club"

Há algum tempo atrás, a bonita casa da Travessa Cristiano Lacorte em Copacabana, mais parecia um Senado Gay (muito mais para Eunice Michilles do que para Nelson Carneiro, é verdade). Bicharocas velhas (de cuca) preparadas para serem assassinadas pelo primeiro garoto do interior de Minas que encontrassem, escondiam suas pelancas com pulseiras e colares dourados comprados de alguma bandeijeira contrabandista. Algum rapaz vestido mais modestamente era olhado com aquele misto de Teda Bara com Araci de Almeida pelas velhuscas acima citadas. Lembro-me quando ano passado compareci a uma festa convidado pelo seu proprietário Joe Selensky, em companhia das estrelas Jane e Eloína. As senadoras quase derrubam os silicones das moças com seus olhares de reprovação.

Fiquei contente quando voltei lá há pouco tempo. Aquela que já era a casa mais bonita do Rio transformou-se também na melhor. A começar pelo porteiro Lau e o gerente Ferreira, talvez as pessoas mais educadas da noite carioca. Existe agora o respeito pelo gay, pelo ser humano. As bebidas a preços acessíveis, um bom discotecário e a pista transformada em palco para as travoltagens das mais animadas. O que antes não era permitido. A comida continua boa e honesta. As bebidas idem.

Preocupado com o futuro da Casa, Joe agora promove às segundas-feiras, contando com a colaboração de Cleber Reis, shows com os mais badalados travestis brasileiros e internacionais.

E a casa lota. Lota pelo serviço perfeito dos garçons, lota pelo bom nível do show, lota pela educação dos responsáveis e do porteiro. A decoração mudou para melhor. Posters maravilhosos mandados vir do exterior delíciam as vistas dos freqüentadores. E o que é melhor: uma saleta escura perto do banheiro para que os mais inibidos possam colocar pra fora seus desejos e, às vezes com discrição, suas anatomias.

Que bom que o The Club mudou! Radicalmente. Que bom que as senadoras voltaram ao Reginés (poucas) ou ao Rio Jerez. E que os brilhos das jóias falsas por elas mostradas foram substituídos pelos brilhos dos artistas do show, dos dançarinos que agora alegram o ambiente e da cabeça dos responsáveis pelo sucesso da casa: Joe e Cleber. Todos lá. (José Fernando Bastos)

Novo disco de Lecy Brandão

Leci Brandão — velha amiga da casa e Lampiônica por natureza —, depois de participar do festival Global MPB-80 defendendo a música "Essa Tal Criatura" (Quem não lembra?), volta ao mercado fonográfico, reafirmando com muita raça sua versatilidade como compositora e intérprete. Lançando na praça um compacto simples.

O disco foi transado com muito carinho, sensibilidade e emoção e pretende apenas revelar o seu momento atual.

Duas músicas novas, dois ritmos diferentes, duas realidades antagônicas: "22 Horas" e "Dança Doce". Um canto que responde o pensamento de um povo, de fantasia e inferno. "Vinte e duas horas de vôo/Dê rango pro povo que eu rio/Vinte e duas horas de vôo/Sem a violência do Rio". Um pedido, um alerta: acordar as pessoas do pesadelo que elas estão (estamos) vivendo.

"Dança Doce" a explosão do amor através da dança. O corpo como instrumento maior do ritmo do coração. "Veio ao meu encontro/Uma dança doce/Que senti vontade de bailar/ E lancei meu passo/Num jeito mais leve/Que levou meu corpo pelo ar".

E para lançar o quarto disco, nada melhor que lançá-lo num show, desta vez, Leci estará se apresentando na Sala Funarte, de 14 à 25 de abril sempre às seis e meia, ao lado da igualmente cantora e compositora (de mão cheia) Thereza Tinoco. Um show baseado na amizade e na emoção das sensações novas/velhas. O relacionamento intimo entre duas amigas e o palco.

No roteiro músicas como: "Sou um Grande Amor"; "Uma Carta para a Paz" e "22 Horas" de Leci, Margot de Edil Pacheco e Paulo Dimas, "O Impossível" e "O Viajante" de Thereza Tinoco. A direção só poderia ser do divino Otoniel Serra (como diz Leci: uma pessoa que deu certo). O acompanhamento fica por conta da Banda Branda, destaque especial para Clarisse Tialiot (teclados). Agora, e correr para o teatro e deixar que o impossível aconteça numa viagem de vinte duas horas. Axé! (Dolores Rodrigues).

Os novos deuses do sexo

O espectador atento que não seja elitista já deve ter constatado o óbvio. Cada vez mais o eixo da indústria cinematográfica nacional se afasta do Rio de Janeiro (com seus grandes orçamentos, suas estrelas globais e seus escritórios burocráticos) e concentra-se na Boca do Lixo de São Paulo, na fascinante rua do Triunfo, onde, com orçamentos mais modestos obtém-se lucros proporcionalmente bem superiores, no melhor modelito da lei da oferta e da procura. E onde, nos últimos tempos, a produção tem ameaçado até vencer o Rio no setor diversão com qualidade técnica.

A maioria dos diretores e produtores cariocas, amedrontada, pressiona o Governo federal em busca de mais verbas, alardeando um "produto cultural" por demais subjetivo, e pretendendo a quimera de sobreviver em rivalidade com as principais cadeias exibidoras do Estado. Esquecem que a grande maioria dos seus filmes não tem retorno de bilheteira. E também que dinheiro do Estado tem lacunas mais urgentes a preencher: terminar o metrô; estender assistência dentária preventiva ao INPS; o menor abandonado; etc. No melhor estilo TFP acusam o cinema da Boca de "imoral e pornochanchadesco". E também ridicularizam seus baixos orçamentos (embora invejem os altos lucros) esquecendo que eles mesmos, anos atrás, pregavam "uma câmera na mão e uma idéia na cabeça".

Os críticos especializados trilham o mesmo caminho preconceituoso, moralista, provinciano, equivocado e bairrista. Não se poderia esperar outra coisa. Alguns viajam todo ano (com despesas pagas) para visitar os estúdios de Hollywood; outros correm mundo atrás de festivais, sem falar dos que desconhecem até os clássicos do cinema. Os melhores estão afastados: os "coroas" Alex Viany, Jean-Claude Bernardet e Sérgio Augusto ainda tem a cuca mais jovem que os neófitos do Conselho JB, os reaças do **Estadão**, os neuróticos da **Veja**. Com tantos novos autores, atores, roteiristas e técnicos, é o caso de perguntar: onde é que estão os novos críticos?

Sem favor nenhum e sem querer chocar, me parece evidente que **Mulher, Mulher** de Jean Garret, **Convite ao Prazer** de Walter Hugo Khoury, **A Ilha dos Prazeres Proibidos** de Carlos Reichembach, **A Opção** de Ozualdo Candeias, e **Mundo Mercado do Sexo** de Mojica Marins, são, com todas as suas limitações, produções mais bem sucedidas artisticamente que pérolas cariocas como **Amor Bandido** de Bruno Barreto, **Batalha de Guararapes** de Paulo Thiago, **Bububú no Bobobó** de Marcos Farias, **Cabaré Mineiro** de Carlos Prates, **Bonitinha mas Ordinária** de Braz Chediak. Cinema é idéia, não é elenco nem orçamento. E a lista continua, como procuraremos demonstrar.

Vejamos **Corpo Devasso**, do ator/produtor David Cardoso, atualmente o mais bem sucedido símbolo sexual masculino do cinema tupiniquim. Corem os críticos puritanos e espectadores idem, mas o filme é não só dirigido adequadamente por Alfredo Sternheim, como tem um roteiro bem arquitetado e mesmo boas interpretações. Além de transpirar brasilidade até nos seus mais evidentes defeitos.

O protagonista, caipira do interior paulista, foge da fazenda onde trabalha, depois de papar a filha do patrão. Na Paulicéia Desvairada, para sobreviver, tem de rodar a bolsinha, o melhor, no caso, a mala, para homens e mulheres. Mala aliás bem boa a do David Cardoso, só superada pela bunda do mesmo ator, ambas exibidas sem a menor parcimônia. David passa pelos lençóis de uma fotógrafa insatisfeita que logo se cansa dele (Neide Ribeiro), de um professor de literatura suicida (Arlindo Barreto — surpreendente), de uma jornalista de esquerda (Patrícia Scalvi — notem o discreto tratamento do personagem em comparação à ex-guerrilheira lésbica de Giselle) e uma advogada viúva e devassa (a sempre sensacional Meiry Vieira). Condenado a dois anos de prisão, é libertado por bela psicóloga dedicada — que na verdade quer apenas (também) aproveitar-se dele. Fim do filme, mas não da carreira do personagem. Do caipira nas cidades, só se exige a força de trabalho e quando muito, a piroca.

Cópia das comédias italianas com Lando Buzzanca? Prefiro ver maiores semelhanças com as brasileiríssimas revistinhas de sacanagem desenhadas por Carlos Zéfiro — hoje raridades. O episódio da advogada, onde o machão papa mãe e filha, é típico. O filme também se enquadra na linha de outros filmes paulistas recentes (**O bem dotado homem de Itú** e **Nos tempos da vaselina**, ambos de José Miziara) que exaltam o macho interiorano como mais competente em satisfazer madames. Como esses filmes destinam-se aos cinemas classe-B e suas platéias também oriundas do interior, podem ser consideradas acertadamente por eventuais patrulheiros como "ópio do povo" ou coisa do gênero, mesmo quando divertidos. **Corpo Devasso**, entretanto, destaca-se dos demais pela sua visão verossímil do michê, simpática do homossexual e não ofensiva das mulheres.

Uma foto rara: Davi Cardoso e Meiry Vieira, juntos, de roupa

Não é só no cinema comercial que a Boca se destaca. O **Império do Desejo** de Carlos Reichenbach, aplica nas leis do mercado as inventivas lições alternativas dos **underground** Rogério Sganzerla e Júlio Bressane. Sua análise escapa deste artigo, mas desde já é preciso destacar este filme sofisticadíssimo (a cada minuto uma citação de Godard ou clássicos de Hollywood) na forma e libertário na mensagem (só goza quem tem a cabeça feita). Trata-se de uma falsa pornochanchada, na realidade um filme de autor tão respeitável como os de Cacá Diegues, Arnaldo Jabor, Glauber Rocha ou Nelson Pereira dos Santos. E ver para crer.

Para terminar, uma rápida menção as estrelas da Boca do Lixo, essas divas esnobadas pela elite e fascinantes para o povão. Dos homens, David Cardoso ainda ganha disparado dos concorrentes. Dentre as mulheres, destaca-se, por exemplo, Helena Ramos, que vem galgando filme a filme o que os caretas intitulam dignidade. E atriz média mas de corpo escultural. Aldine Miller, mais sofisticada e aparentemente mais recatada, era inexpressiva até sua chance em **A mulher que inventou o amor**, roteiro do lampiônico Trevisan. Vai longe. Mas a melhor a meu ver é a bela Meiry Vieira, protótipo da "coroa boa", ótima comediante como a madrasta de Adele Fátima em **As Histórias que nossas babás não contavam**, densa e dramática em O **Império do Desejo**. E fantástica. Se ainda estivéssemos no tempo dos fã-clubes, estaria já eleita. A Favorita dos Viados.

(João Carlos Rodrigues)

Em Aracaju, elas são capazes

Existe um "slogan" de que o Carnaval na Bahia começa em Aracaju, o que o 9º Baile dos Artistas realizado este ano como prévia do Carnaval sergipano não só não desmentiu como reforçou. Aconteceu (e animadíssimo) no Ginásio de Esportes "Charles Moritz", decorado pelo artista plástico Eurico Luiz dos Santos (também participante do concurso de fantasias), com o tema que já diz tudo: "Só elas são capazes". Nosso ativo correspondente, o Wellington Andrade, manda dizer que o baile foi o desbunde total! Além de personalidades locais e da Bahia, o júri contou com Elke Maravilha, Luana, Evandro Castro Lima, Carlos Bastos, Silvinho e Cristina Laporte.

Apesar disso parece que pairaram dúvidas sobre as premiações, uma vez que os primeiros prêmios foram dados a concorrentes de fora cujas fantasias, na opinião das entendidas e entendedoras sergipanas, não eram as mais deslumbrantes. Daí que após o baile alguns dos perdedores promoveram uma despedida de Aracaju bem mais rápida do que os vencedores imaginavam. (Consta que as plumas e pedrarias e cacos de espelhos que voaram pelas janelas do hotel formaram um resplandescente tapete na calçada). Porém o pequeno incidente não obscureceu o brilho do Carnaval do Sergipe, ao contrário: já se fazem planos para o próximo ano, sendo que alguns cronistas sugerem que o Baile dos Artistas mude de nome, assumindo a sua verdadeira sexualidade guei.

P.S.: Mesmo desfilando com fantasias simplesinhas, a Magnolia e a Fofinha, duas conhecidíssimas e muito queridas figuras da cidade, arrancaram frenéticos e delirantes aplausos da platéia.

Maconha na Universidade

23 de março de 1981, 19 horas e 30 minutos. Estou de pé diante de um auditório da PUC-Rio, por ter sido convidado pelo comando das atividades da greve dos professores da dita pontifícia universidade, para um debate sobre a maconha. Meus companheiros de mesa, o ator Eduardo Tornaghi e Carlos Ralph da revista **Rádice** já chegaram, mas as cadeiras continuam vazias. Talvez reflexos da polêmica assembléia que horas antes suspendera a greve. Pensa-se em adiar tudo. De repente, como por encanto, surgem cerca de cinqüenta pessoas interessadíssimas e tudo sai às mil maravilhas.

A curiosidade universitária pelo tema maconha é inegável. Outras palestras e debates tem havido, pelo menos aqui no Rio. Dias antes, o departamento de Geociência do Fundão me convidou para outro, ao qual não pude comparecer dado ao horário, mas soube ter sido muito produtivo.

Alguns itens entretanto me parecem interessantes. I — os estalinistas tentaram de todo modo impedir e boicotar a divulgação do evento; II — a grande maioria da platéia é decididamente a **favor da descriminalização do porte e do uso de** quantidades moderadas da **Cannabis** nos moldes das leis da California e Colômbia; III — uma minoria ativa pretende estender as reivindicações até o plantio e venda, o que me parece no mínimo prematuro; IV — estão sendo dados passos tímidos mas seguros para formação de um Comitê para a Reforma das Leis Antitóxicos e pela descriminalização; V — serão feitas pressões sobre candidatos em busca de votos dos mais diversos partidos para apresentação de projeto de lei sobre o assunto; VI — decidiu-se tacitamente "organizar os simpatizantes e conquistar os indecisos", pois não é preciso ser usuário para apoiar a mudança da lei.

As palestras continuarão. Contem comigo. E os outros estados? Não fazem nada? (**João Carlos Rodrigues**).

Aleluia-Gay!

Baile-show no Teatro Carlos Gomes. Sábado, 18 de abril, a partir das 23 horas.

A maior anarquia organizada dos anos 80! Alegria, amor, ação, fantasia. Coroação dos soberanos da Aleluia-Gay: Rogéria e o príncipe-consorte Celso Curi. Desfile das fantasias premiadas do São José, Elite e Paulistinha. Os melhores cantores da MPB e a orquestra de Zeca do Trombone.

Direção: Antônio Chrysóstomo.

Ingressos: individuais, Cr$ 500,00. Mesa: Cr$ 6.000,00 (quatro convites). Camarote: Cr$ 12.000,00 (seis convites). Vendas antecipadas no teatro. Telefone: (021) 222-7581.

A hora da porrada

Foto: Silvana Afram

Participar do 3º Congresso da Mulher Paulista significou, em última análise, a possibilidade de constatar **in loco** a ausência de perspectivas (ou idéias novas) no panorama político brasileiro — inclusive dentro dos chamados movimentos de política alternativa, atualmente afundados em séria crise. Para nós do LAMPIÃO, que estamos preocupados com o crescimento de um real e autônomo Movimento de Mulheres, esse Congresso resultou bastante decepcionante por sua inexpressividade. A grande vedete acabou sendo — a contragosto e por métodos nada recomendáveis — o pessoal da Hora do Povo e não Movimento Feminista, propulsor da idéia, a partir de 1979. A importância dos eventos se deveu muito mais aos bastidores do que propriamente aos atos oficiais ocorridos nas três fases do congresso, nos dias 22/Fevereiro, 7/Março e 8/Março. Pode-se dizer que este 3º CMP existiu muito mais a nível de lideranças adversárias entredevorando-se do que propriamente a nível de massa feminina, como era de se esperar. O fato mais importante, que chegou a sair dos bastidores para a imprensa, foi a racha inevitável entre a Coordenação e o grupo do jornal HP, com a conseqüência realização de dois Atos Públicos no dia 8 de Março: o da Coordenação na Praça da Sé e o do HP no Estádio Municipal do Pacaembu.

Acima de tudo, a intensidade das disputas nos deu uma idéia clara da importância política que o Movimento de Mulheres adquiriu para as agremiações partidárias de esquerda. Do antigo papel de secretária militante, a mulher passou para o de militante de primeira linha, teoricamente. Só que, na prática, em nenhum dos dois casos ela deixou de ser instrumento de manipulação. Nessa tentativa de capitalizar energias, poderíamos dizer sem exagero que o 3º CMP resultou num mal disfarçado rito de caça à mulher. Evidentemente, os lobos voltaram a aparecer sob o disfarce de mulher.

O que apresentamos a seguir são curiosidades quase folclóricas e episódios mais ou menos recombolescos ocorridos neste Congresso da Mulher, onde a questão menos determinante foi a mulher.

HORA DO POVO

Na semana que antecedeu o Congresso, São Paulo foi tomado por 50 mil cartazes convocando a população para o Estádio do Pacaembu. Outra vez associando mulher com cozinha, podia-se ler aí a chocante frase "Abaixo a carestia" como palavra-de-ordem do HP. Os cartazes estavam tão bem colocados que ficou evidente o que mais tarde se confirmou: uma empresa profissional fora contratada para realizar esse trabalho de divulgação. Afinal, na época dos computadores, até os nossos "revolucionários" se profissionalizaram.

•••

Enquanto isso, as feministas, a duras penas, conseguiam colocar 3 mil cartazes anunciando seu evento na Praça da Sé.

•••

De tímidas participantes o ano passado, as lésbicas emergiram para a crista da onda neste 3º CMP, ao se tornarem alvo predileto do grupo HP, para quem a coisa se colocava assim: de um lado as lésbicas, de outro o povo brasileiro. Aliás, foram militantes desse jornal que fizeram a significativa sugestão de que os homossexuais deviam ir para a Amazônia em regime de reeducação. Convenhamos que essa não é uma idéia muito original, já que em outros lugares as bichas vão cortar cana.

•••

Juntando esses repentes revolucionários com os murros distribuídos no 2º e 3º Congressos da Mulher Paulista, com as correntadas contra a Oposição Sindical em São Paulo, com as cacetadas desferidas a esmo no recente comício de São Bernardo, o peossoal da HP precisaria tirar da clandestinidade seu verdadeiro nome: Hora da Porrada.

•

No Estádio Municipal do Pacaembu, as mulheres "convidadas" para o Congresso do HP receberam, além de pão pullman e guaraná gratuitos, camisetas com dizeres relativos ao 3º CMP. Nas costas, para garantir que o santuário do lar nunca seria abandonado, as camisetas ostentavam incisiva propaganda do Óleo Maria...

Aliás, as kombis so HP que apareciam lotadas de favelados traziam pintado, de maneira nada sutil, o seu logotipo seguido da frase seguinte: "A verdade a qualquer preço". Com esta inflação desenfreada, imaginem os preços!

•

Os meios justificam os fins. (Do livro de provérbios do MR-8)

Já quase às vésperas do Congresso do dia 7, militantes do HP, na iminência de perderem o Pacaembu, entraram em contato telefônico com a Coordenação, para propor a reunificação. Concordavam em aceitar as lésbiscas em troca do apoio à Constituinte. Mas não abriram mão de sua oposição ao SOS/Mulheres

Dentro da Coordenação houve até quem **topava conversar com o HP, argumentando mais uma vez a necessidade das esquerdas se unirem. Ainda há ingênuos que se curvam aos rótulos!**

Justiça seja feita: o MR-8 acabou sendo um pouco bode-expiatório. Mesmo atribuindo isso à falta de sutileza dos seus métodos, o Congresso brilhou pela sutileza dos conchavos que outros grupos realizavam mais na surdina. O que quer dizer que o espírito do MR-8 era mais abrangente do que a letra.

HORA DA UNIDADE

Numa das tantas barraquinhas armadas diante do Tuca, havia uma que vendia sanduíches e pinga. Como essa barraca estava forrada de cartazes da Voz da Unidade, algumas pessoas concluíram que os ventos da modernização já tinham assimilado a política do estômago e, quem sabe, até mesmo a do corpo.

•

Como no dia 7 as feministas ainda não haviam arrecadado grana para o som da manifestação da Praça da Sé, seu (apesar de tudo) bom humor encarregou duas irmãs gêmeas idênticas de passarem por todo o Tuca pedindo colaborações. Desnecessário dizer que todo mundo chiou ao ser cobrado duplamente...

•

Eis algumas das palavras mais pronunciadas nos grupos de discussão do dia 7: companheiros, bandeiras de luta, carestia, Constituinte, PT, política salarial do governo, questão de ordem, arrocho salarial, etc. Ao contrário do que pode parecer, não estávamos no Pacaembu, e sim no Tuca.

•

Paralelamente à reunião das mulheres no Tuca, havia outra reunião nos jardins onde conhecidas rebentas da Libelu, sentadas em círculo, recebiam instruções vindas nada mais nada menos que de um machão dessa agremiação.

Como nossa política está realmente calcada nos referenciais mais varonis, quase todas as homenageadas no dia 07, tinham como principal atributo, o fato de serem esposas dos sindicalistas do ABC enquadrados na LSN.

HORA DA LAMA

O número de pessoas presentes no Ato Público da Praça da Sé foi estimado até em 5 mil! Isto naturalmente incluindo as mil pessoas que sempre estão na Praça aos domingos, os vendedores de comida e as filas de ônibus.

•

Ocorreu uma verdadeira disputa estatística **entre os dois Congressos, inclusive com lances de espionagem. Neste panorama nada edificante, emissárias de ambos os lados tentavam descobrir o número de pessoas presentes no lado adversário. As feministas, tão avessas ao poder, estavam lá participando desse jogo nada feminista.**

•

Mas, num ataque de machismo divino não previsto pela mocinha da Telesp, a chuva começou a cair no domingo à tarde. Caía e parava. Lá pelas quatro horas, o Ato Público se comprimia nas escadarias da Igreja com um coro gritando: Entra! Sai! Entra! Sai!

•

Ou seria a chuva apenas uma manifestação da ira divina contra tanta disputa de poder aqui na Terra? Afinal, poder só mesmo divino.

•

Depois que a chuva passou, pôde enfim, ser iniciado o concurso de faixas e palavras-de-ordem dos vários grupos presentes. Na categoria Originalidade, ficou a palavra-de-ordem: "O povo unido jamais será vencido."

O primeiro lugar em Machismo foi para: "O povo unido pela terra é capaz de ir à guerra." Na categoria Equívoco, o primeiro lugar ficou para "Abaixo a ditadura que as mulheres estão na rua". Na categoria Ecos do Pacaembu, ganhou disparado: "Abaixo a carestia que a panela está vazia." Na categoria Oportunismo, venceu a faixa da convergência: "Pela legalização do Aborto."

•

A única palavra-de-ordem feminista acabou sendo desclassificada pelo soar dos gongos da Catedral: "Mulher não é propriedade, queremos liberdade." Foi essa também a palavra-de-ordem menos praticada.

•

O Ato Público da Sé andou povoado de "fantasmas". Convehamos que cantar o nome das "companheiras mortas" para todo mundo responder "presente" é um recurso melodramático e lacrimonoso que já se tornou cacete. Além de ser uma discutível manipulação dos mortos, atesta um certo fascínio pelo lado lúgubre das ditaduras. E o materialismo dialético, onde fica?

•

Como houve de tudo neste 3º CMP, em plena Praça da Sé, na hora das oportunísticas moções de apoio, surgiu até uma nota assinada pelo senil Luís Carlos Prestes. Parece que mulher dá mesmo Ibope!

•

No dia 8 de março a comida da mulher é de graça. Pelo menos, foi o que certas mulheres da Coordenação do CMP decidiram irreverentemente fazer. Depois de jantarem sem pagar, as feministas se retiraram deixando pichada nas paredes de certo restaurante uma verdadeira marca da Zorra: "as desbundadas do 3º CMP passaram por aqui".

•

Após este emocionante 3º CMP, para o próximo ano certamente, teremos o 4º CMP — Congresso das Mulheres dos Partidos Políticos Paulistas. Aguardem. (Zezé Melgar e Emanoel Freitas)

Um Congresso bem-pensante?

Depois dos fatídicos acontecimentos que cercaram o 2º Congresso da Mulher Paulista, Zezé Melgar e João Silvério Trevisan entrevistaram duas participantes, cuja experiência vem do 1º Congresso. Teca, ex-Somos, ex-Lésbico-Feminista e atualmente SOS-Mulheres, e Marisa, ex-Somos, atualmente Lésbico-Feminista, falam do que aconteceu durante o encontro, do racha, e daqueles que elegeram as lésbicas suas grandes inimigas: os rapazes do MR-8 Movimento Revolucionário 8 de outubro), uma facção do PMDB cujo porta-voz é o jornal "Hora do Povo".

Trevisan — **Diante do 3º Congresso da Mulher Paulista eu me sinto perplexo com a investida do MR-8, agora em grande estilo, e com a repetição do mesmo tom do Congresso anterior. Este 3º parece até mais tímido, porque as posições coletivas acabaram se sobrepondo às individuais, queira a gente ou não. Dentro do Movimento de Mulheres, os grupos feministas são extrema minoria, inclusive em termos de número. Por exemplo, o que aconteceu com o grupo Nós Mulheres?**

Teca — O Nós Mulheres não participou do Congresso. Elas apareceram na reunião onde ocorreu o racha final com o pessoal da Hora do Povo (MR-8). Mas a história começou em outubro do ano passado; previa-se que o Congresso de verdade seria realizado a 22 de fevereiro, em regionais, pra depois haver uma reunião das relatoras e ver o que seria consenso, pra tirar um documento. Depois dessa reunião, a coordenação se dissolveria. Mas já na primeira reunião do ano apareceu todo o pessoal do MR-8 com suas ditas bases, ou seja, Kombis lotadas com pessoas de favelas que nem estavam organizadas. Quando chegamos, já havia 200 pessoas e elas já estavam lá com uma proposta de que o congresso fosse feito por entidades — coisa que acabou acontecendo no ginásio do Pacaembu. Essa reunião acabou em tumulto. Marcou-se outra reunião que também acabou em tumulto. Aí a coordenação se retirou e chamou o racha, porque era impossível continuar com as dezenas de entidades que apareciam.

Trevisan — **Houve uma dessas reuniões em que o MR-8 proclamou em alto e bom som que se tratava....**

Teca — .... De um congresso de sapatões. Foi exatamente nessa anterior ao racha. A contraposição era que elas do Hora do Povo queriam fazer um congresso do povo e as feministas um congresso de lésbicas. Aí se levantou uma mulher da favela e fez uma observação irônica e medíocre de que ela não estava entendendo direito, porque se tratava de um Congresso de Mulher, mas tinha gente ali que não era "nem mulher, nem homem", e que devia estar noutro lugar. A gente quase começou um tumulto. Como as inscrições estavam encerradas, a Laís da Oposição Metalúrgica cedeu a vez pra mim falar. Eu fiz uma intervenção e a massa delas já não sabia o que pensar, porque eu as comparei com o Richetti.

Trevisan — **Qual era o respaldo que lhe deram as demais mulheres?**

Teca — Aí o CCO se levantou e disse que a gente tinha toda a legitimidade de estar lá, porque a gente estava participando desde o início. Depois a Raquel Moreno falou a nosso favor também, e o Brasil Mulher.

Trevisan — **Mas uma coisa que quero entender é como a "massa", que teoricamente se posicionaria contra o MR-8, se posicionou num momento desses. Isso porque não se trata de uma massa com consciência feminista, que corre o risco de reprimir a presença das lésbicas.**

Teca — Vou tentar ser objetiva. Na minha intervenção, em que chamei elas de fascistas, só as lideranças ficaram quietas quando terminei. A massa do Hora do Povo aplaudiu, mesmo a mulher da favela que tinha falado antes. Isso porque a palavra lésbica até ali vinha sendo usada no vazio, como um xingamento e nada mais. Esse outro pessoal não feminista, por sua vez, pertence a grupos políticos diferentes do HP, e estão investindo energia no Movimento das Mulheres. Fazem trabalho de rua e de favela. Essa outra massa defende, nas reuniões, nosso direito de participar. Mas não aceita que nossa questão faça parte da discussão. Elas não deram esse passo nem sei quando darão. Aliás, não acredito que isso venha a acontecer no Congresso.

Trevisan — **Fechar a favor da questão da lésbica poderia ser uma mera questão tática?**

Teca — Eu acho que sim. Elas se baseiam no tal jogo democrático: as lésbicas têm tanto direito de participar quanto o HP. Nesse sentido, o HP só não participou do Congresso porque suas mulheres se retiraram, elas não foram expulsas. Depois que elas publicaram no HP que nós éramos um Congresso de "madames e lésbicas" é que as feministas propuseram o racha. Depois disso, o pessoal do HP saiu, convocando um outro Congresso. Montaram uma outra coordenação e começaram a chamar os gatos-pingados que fazem aliança com elas, ou melhor, a massa-pingada.

Zezé — **E o pessoal não-feminista da Carestia e do CCO, que são outros participantes, o que fizeram?**

Teca — Passaram a freqüentar as duas reuniões. Mas é preciso dizer que quem rachou foram as feministas, que queriam fazer uma coisa separada. Só em cima de um documento com algumas regras aceitas em comum é que houve uma unidade das feministas com o CCO, a carestia e os vários partidos. Até no último minuto, na reunião de delegadas, o pessoal do HP tentou propor a unidade. Foi aí que disseram que poderiam até rever sua posição em relação ao homossexualismo; mas que não a reveriam frente ao SOS-Mulheres.

Trevisan — **Por que essa rejeição ao SOS, da parte deles?**

Teca — Porque segundo um artigo publicado no HP o SOS transforma violência na família em caso de polícia e faz o jogo da ditadura, porque culpa o operário que chega em casa cansado e bate na mulher.

Trevisan — **Explique com mais detalhes, Teca, o que tem feito o SOS, a ponto de chamar a atenção dessas pessoas.**

Teca — O SOS é o único agrupamento feminista que tem um trabalho concreto e real, que não é também coisa ligada à reivindicação tipo água e esgoto. O SOS levanta a questão ideológica de maneira profunda. Atender 30 mulheres por dia e ter toda a propaganda que o SOS conseguiu toca na questão de fundo do feminismo: a de que existe uma opressão específica dos homens contra as mulheres, de que ela é palpável até o ponto de se poder fazer estatísticas. De repente, o SOS traz à tona a violência doméstica, que é uma coisa real; a gente está dizendo que a realidade é muito mais complexa do que eles tentam pintar; que a corrupção está na gente, está na família, está dentro de casa, não adianta sair com uma metralhadora na rua, porque o corrupto é você.

— De outro lado, eles precisam nos atacar, porque o SOS ocupou o único espaço que as feministas têm inserido na mídia. Pintou no Hebe Camargo, no Sílvio Santos... Só não foi ao Homem do Sapato Branco porque agente achou que era muito mundo cão. Nosso telefone toca 24 horas por dia. E as pessoas que ligam são todas mulheres sofrendo violências. De repente, essa é a prova viva de que a violência sobre as mulheres existe. Estamos de tal forma disseminadas por aí que a gente recebe até telefonemas de fora de São Paulo.

ZEZÉ — **O SOS acaba funcionando como um mecanismo de identificação da mulher. Como é que começou? Quando apareceu a primeira mulher lá?**

Teca — O SOS funciona em plantões, com reuniões gerais de todas às plantonistas às terças-feiras. Funciona só à noite, das sete às dez, e nas terças e quintas, durante toda a tarde. Antes tínhamos plantão aos sábados, mas não há gente disponível. Mas é o único grupo feminista que cresce. Temos de 30 a 35 mulheres. Cada mulher que telefona, a gente faz uma ficha. Um dos problemas do SOS é tentar sair da perspectiva assistencialista e partir mais para o combate ideológico, para a denúncia dos casos, com a integração dessas mulheres dentro do movimento. Na verdade, ele começou como uma frente de feministas. Começou com o Núcleo de Defesa da Prostituta, evoluiu para a Comissão Contra a Violência e chegou ao SOS. O que mais aparece é mulher espancada que mora na favela. A gente atende mais pessoal da periferia.

Zezé — **Daí o medo do HP: vocês estão mexendo com o povo deles.**

Teca — Claro. Há muita gente de favela que telefona, vai lá. Eu mesmo tenho o caso de uma mulher que através dos meses vai ligando, aparece: um dia é o gás que não tem, outro dia é a filha surda, outra vez é porque tem um filho por ano. Os casos são bastante diversos. Tem mulheres que são oprimidas pelo irmão, tem aparecido de tudo: lésbicas oprimidas pelo ex-marido, lésbicas oprimidas por outras lésbicas... Basicamente são mulheres espancadas. Estupro pintou uns três ou quatro. Na classe média é mais agressão, desquite, crueldade mental do tipo "ele não me ouve, me ignora".

Trevisan — **E aí como vocês fazem? Conversam pelo telefone e encaminham de que maneira?**

Teca — Uma preocupação nossa é não colocar o SOS como uma entidade assistencialista, tipo INPS, mas como um espaço de solidariedade, um lugar onde as mulheres podem chegar e conversar, se sentir apoiadas. Quanto ao atendimento, é difícil falar dele como um todo. Mas há mais ou menos uma linha em que a gente tenta não tomar as decisões pelas pessoas e não propor soluções. Às vezes alguém liga e só precisa da ajuda de uma advogada. Já teve gente atendida por problemas psiquiátricos também. Estes profissionais do SOS são mulheres, nem sempre feministas, que se propõem a ajudar, porque têm simpatia pelo movimento. Quero lembrar que o SOS é o único espaço dentro do Movimento Feminista de São Paulo que está preocupado com duas questões: a ideológica, de como levar o feminismo para as massas; e a de um trabalho com o subjetivo, ou seja, não se trata só de assistencialismo, com um aparelinho criando ideologia e fazendo panfleto. O SOS tenta juntar essas duas coisas, esses trabalhos para fora e para dentro. Esse trabalhar o subjetivo é algo que está mais próximo da gente enquanto grupo homossexual, trabalhar em cima da experiência que cada pessoa trás e não tanto em cima de um princípio político que a gente tem.

Zezé — **Como é a política do SOS frente ao aborto?**

Teca — A gente discute isso, porque se trata de um problema muito delicado. Há normas de segurança quanto a fornecer endereços de médicos para aborto, por exemplo. Só uma organização voltada para uma luta específica em cima do aborto, que seria o Grupo de Planejamento Familiar, poderia assumir publicamente, que dá endereços. Mas acho que todas nós, lá, somos a favor do aborto.

Trevisan — **Voltando ao Congresso, gostaria que você me dissesse porque o Nós Mulheres não topou.**

Teca — Na verdade, não foi só o Nós Mulheres. A maioria dos grupos feministas só entrou no Congresso lá pelo começo do ano. Todos eles estavam de pé atrás e não iam entrar. O Nós Mulheres não apareceu porque continua em cima da avaliação que se tinha feito no ano passado: não tinha havido avanço nenhum em cima das questões feministas, e não é fazendo uma frente com os movimentos de luta geral que se vai ter um real crescimento do Movimento de Mulheres. Quanto à Associação de Mulheres, elas acham que as Feministas têm que manter sua questão específica e fazer um movimento autônomo, sem deixar de tocar a luta geral, individualmente ou em grupo. Eu acho que todos os grupos feministas que têm uma posição apartidária, que não estão interessados em brigas de partido, que estão desiludidas com a luta geral e acreditam que a gente pode fazer um movimento feminista sem ter que discutir a Constituinte pensam como nós.

Trevisan — **E o Lésbico-Feminista, porque entrou no Congresso e em que circunstâncias?**

Marisa — O LF começou a participar em outubro, apesar de estar bem desestruturado na ocasião. Voltamos a ter participação depois das férias, sem acreditar que o Congresso fosse avançar, mas na crença de que se tem que levar a discussão da sexualidade de qualquer forma, e que era preciso estar presente, porque a gente também está aprendendo, está crescendo, interferindo, incomodando. Até o 2º Congresso nós fomos assim toleradas, uma coisa de observar o caráter democrático, então tinha que ter participação das lésbicas. Mas não que a gente tivesse qualquer tipo de força ou proteção. Agora, neste 3º, a gente conseguiu reamente, ser ouvida, ter apoio das entidades feministas. A preocupação mesmo do LF era a questão da autonomia. O LF não tem ninguém que seja participante de algum partido. É mais por aí que a gente foi, pra se apresentar como um grupo antônomo, que existe de fato. Eu penso que a não participação do Nós Mulheres não seja coisa de recuo, mas sim, de descrença absoluta. Quanto ao outro grupo de lésbicas, o Terra-Maria, entrou na coordenação, mas não entrou na executiva. Talvez, por ser um grupo recente, que começou em outubro e ainda não levou nenhum trabalho efetivo com as mulheres.

Zezé — **Será que as lésbicas, dentro do Congresso, funcionariam como uma lâmpada acesa ou o porta-estandarte dess questão da sexualidade feminina?**

Marisa — O objetivo de nossa participação era bem esse.

Zezé — **E isso está passando para as outras feministas?**

Marisa — Não foi levantada nenhuma vez a coisa de maneira declarada. Nas discussões do temário, a questão da violência foi a menos debatida, e era onde nós tínhamos mais força, onde poderíamos ter entrado com carga total, que era a possibilidade de levantar a questão da violência que sofremos e a questão da sexualidade.

Teca — Eu discordo que foi pouco discutido. A violência foi discutida em seis grupos. A gente só não tocou pra frente porque a barra estava muito pesada, todo mundo estava muito cansado. Mas a gente poderia ter feito sair como uma quarta bandeira do Congresso. Só não saiu por ineficiência da gente, por cansaço e tudo mais. Quanto ao meu interesse pessoal em entrar nisso tudo, acho que esse é um real espaço de discussão do Movimento de Mulheres, e disso a gente não pode fugir. De repente, a gente tem que usar às vezes, não o mesmo método de violência do HP, mas o mesmo método burocrático. Pra mim, o movimento feminista devia ser uma coisa mais entusiástica, com outra dinâmica, completamente diferente disso. Mas eu acho positivo participar porque nesse momento, o Congresso é o espaço do Movimento de Mulheres.

Trevisan — **Eu me pergunto se seu discurso não seria exatamente este, caso você fosse do MR-8. Quer dizer, será que o MR-8 não entrou no Congresso apenas pra poder dar sua palavrinha? Resumindo: esse instrumento "congresso" não estaria furado para este momento do feminismo brasileiro? Não seria uma coisa típica do MR-8?**

Teca — Não desacredito só do Congresso. Desacredito da autenticidade do discurso feminista de uma série de organizações. A importância deste congresso e de outros que forem impossível deixar de fazer, sendo bem pessimistas, é que eles irão se radicalizando cada dia mais. Hoje, mais gente tem certeza de que o Congresso, uma Federação, uma Coordenação, enfim, o discurso que propõe tudo isso, juntar tudo no mesmo balaio, é uma forma furada.

Trevisan — **Como resultado da minha experiência no Movimento Homossexual, me pergunto se não é o caso de começar a pensar em outros esquemas realmente diferenciados e diferenciadores.**

Teca — Acho que sim. Está na hora de pensar num movimento de libertação da mulher. Só que os grupos feministas não conseguiram ainda um projeto que dê a mesma importância aos diferentes grupos. Isso porque existe mesmo a divisão em classes, em extratos, que nos atravessa. Eu acho que a Associação das Donas de Casa assume posições muito mais avançadas do que a maioria dos grupos feministas. As mulheres da Associação chegaram a dizer que iam sair do Congresso porque a confusão poderia fazer perder todo o prestígio que tinham perante as outras mulheres que trabalham com elas na região.

Trevisan — **Você é mais otimista ou menos otimista quanto à questão lésbica ser levada?**

Marisa — Eu vejo perspectivas de ser levado adiante; senão nem estaria lá. Eu acharia até muito interessante se a gente, as lésbicas, conseguisse atuar separado das feministas. Mas isso é impossível no momento.

Bilhete de olho no futuro

Queridas feministas do grupo **Nós Mulheres**, quando eu soube que vocês não quiseram participar do 3º Congresso da Mulher Paulista, seu gesto não me intrigou, já que vocês sempre compreenderam o movimento feminista como uma busca de esquemas políticos o mais possível originais. Depois, lendo a carta que vocês publicaram na Folha de São Paulo, me senti verdadeiramente aliviado: afinal alguém ousava dizer alguma coisa que **de fato** se contrapunha ao discurso desse braço direito da esquerda que é o MR-8. Para minha delícia, vocês afirmavam na carta que o feminismo brasileiro, nascido com bases em Marx, infelizmente ainda não descobrira Freud, nem sequer para criticá-lo. E, com isso, faziam uma mordaz alusão à inveja do falo refletindo-se numa práxis baseada na inveja do poder. Uma semana depois de sua carta, a mesma Folha publicou artigo de uma feminista chamando vocês de "omissas" e "irresponsáveis". Receio que tenham chovido recriminações já que, ao contrário de vocês, os demais grupos feministas de São Paulo participaram em peso do Congresso.

Senti saudade (há quanto tempo não levamos um papo, não é, Cynthia?). E então resolvi dar este alô pra lhes dizer que, se de fato há um dabate em processo, vocês certamente estão levantando questões estimulantes, para além da maniqueística divisão esquerda/direita que somos obrigados a engolir como uma contra-posição Bem/Mal. Dou-lhes razão: chega de palavras de ordem, congressos e programas de luta em nossa prática política, tão necessitada de novas energias, imaginação e ousadia. Se outrora precisamos emprestar de nossa madrasta Esquerda uma postura militante e doutrinária, por ausência de alternativas além da feroz Direita, hoje nossa análise já tem um nível de desenvolvimento razoável e exige caminhos próprios, diversificados. Uma das novidades do nosso tempo é justamente a mudança ocorrida nas relações com esse aparato chamado Esquerda cujo monolitismo sagrado nunca existiu, apesar de teimar-mos, contra todas as evidências.

E no entanto, é fácil ver que grande número de nossos progressistas só acreditam em contestação à Direita. Esses são os que eu chamo de Esquerdérrimos (ou Esquerdérrimas, conforme a preferência). Ora, se tal postura dos/as Esquerdérrimas/os facilita as análises políticas, lamento dizer que torna sua prática superficial, limitada e simplista. Isso explica (mas não justifica) o paradoxo maior dos movimentos de política alternativa (os chamados "movimentos de minoria") deste país: a teimosa manutenção (ou cultivo) do cordão umbilical esquerdístico que a estas alturas arrisca se tornar totêmico. Essa referência vale também para o feminismo brasileiro cujo desenvolvimento tenho acompanhado sempre com a maior atenção. Lamento dizer que, se as coisas continuam como estão, o discurso feminista corre o risco de se esvaziar a curto prazo. Grande parte das análises que leio sobre a situação da mulher articulam-se à base de fórmulas surradas e de um jargão técnico-ideológico dos mais rígidos.

É evidente que essa armadura teórica não permitirá enxergar muito além do próprio nariz, havendo o risco de uma paralisação da discussão e de um descompasso frente a questões atuais. Conseqüentemente, é muito fácil reeditarem-se antigos chavões fantasiados de propostas novas. Confira-se, por exemplo, a maneira como, em nome da defesa da mulher, muita gente vem reforçando a velha moralidade — seja pedindo a cabeça do velho Sade, seja condenando mecanicamente tudo o que tiver a desgraça de se enquadrar sob a categoria "pornografia". O que sobra, para ser franco, é um chatíssimo cantochão querendo provar sempre a mesma (óbvia) coisa: que a mulher sofre opressão. Ora, receio que uma das características de nossa linguagem supostamente progressista é o gosto tautológico pela lamúria como forma de pressão para comer na mesa do primo-rico. Daí também nossa predileção pela sisudez, pelo luto.

As feministas que participaram do 3º Congresso alegavam a necessidade de ir à luta. Daí o caráter de "omissão" adicionado à ausência de vocês do **Nós Mulheres**. Pois bem, acabou havendo duas manifestações que igualmente reivindicavam os direitos de ser o verdadeiro Congresso das Mulheres. É evidente que a promoção festeira do Pacaembu foi arranjada de última hora visando canalizar energias politicas mas ambos defenderam bandeiras igualmente pasteurizadas e praticamente idênticas. Alega-se que as teses finais do Encontro do Pacaembu não gozavam de representatividade, até agora sua mesa de trabalhos compunha-se mais de homens do que de mulheres. Representatividade: eis aí um conceito que eu contesto até à raiz. Como falar em representatividade num esquema baseado em porta-vozes que se digladiavam nos bastidores, relacionavam-se à base de conchavos e no final apresentavam tudo pronto a esses infelizes objetos de poder chamados "massas"?

Se as bandeiras de luta são (ao contrário do que penso) tão sérias a ponto de provocarem acirradas disputas, é interessante lembrar que as feministas do Congreso do Tuca não conseguiram fazer aprovar nem sequer uma campanha pela legalização do aborto, que é hoje aceita até por certas rígidas formações partidárias esquerdistas. Paradoxalmente, essa mesma reivindicação ausente das bandeiras de Tuca constou no documento final do retrógado MR-8. É verdade que, no Tuca, a Convergência Socialista ostentava faixas e gritava slogans pela legalização do aborto. (Dizem que era engraçado o timbre acentuadamente masculino dessas vozes pró-aborto feminino). Mas acontece que não acho exagero desconfiar igualmente do oportunismo desses paladinos da liberdade que dançam conforme a música decidida pelas últimas determinações do seu Comitê Central.

Um outro argumento muito comum contra a "omissão" de vocês é a necessidade das feministas ocuparem espaço e estarem presentes fazendo pressão; nesse sentido, o Congresso constituiria uma das raras oportunidades de manter contato com as "bases" ou "massas" do Movimento de Mulheres. Por um lado, é indiscutivelmente exagerado afirmar que um único encontro anual significaria um contato substancial do feminismo com as mulheres da periferia. Por outro lado, a exigência de disputar espaço palmo a palmo resulta da suposição de que o terreno do feminismo e do MR-8 são os mesmos, o que me parece um tanto assustador. Colocados no mesmo terreno, houve o inevitável embate. Se o MR-8 pouco ganhou, não se poderia dizer que as feministas ganharam mais, já que tiveram que sacrificar (outra vez) a possível originalidade de suas posições, em favor das famosas prioridades — consulte-se para tanto a obviedade ululante das bandeiras tiradas no Congresso do Tuca. Nesse sentido, arrisco uma pergunta: entrando de corpo e alma na disputa do poder, o que sobraria de original no discurso feminista tão proclamadamente anti-poder? O 3º Congresso é uma resposta eloqüente.

Ante a acusação de que, desligando-se do Congresso, vocês se isolaram das "bases", vale a pena lembrar também o seguinte: os fatos mais significativos desse evento parecem ter ocorrido nos bastidores, longe das assim chamadas "massas", que foram portanto, tratadas bem à altura desse nome pejorativo. Aliás, é no mínimo lamentável que uma prática típica do pior populismo da década de 50 tenha sobrevivido justamente nos arraiais que se dizem redentores do povo. Sintoma, evidentemente, da ausência dessas idéias novas às quais me refiro quase obcecadamente. E se me perguntam: poxa, que raio de idéias novas são essas, dou como um dos exemplos possíveis esse bem concreto SOS, organizado por um grupo de feministas em São Paulo. (Vide matéria neste número). Nele, a dimensão subjetiva finalmente invade o espaço político, criando uma relação inclusive respeitosa e original com as mulheres das populações de periferia.

A derradeira acusação é que vocês do **Nós Mulheres** correm o risco de se isolar. Qual nada! Vocês estão lá na frente, buscando espaços menos poluídos. Ao contrário, quem gastou energias para trocar tapas com o MR-8 está se esquecendo que é mais importante extrair o MR-8 presente em nossas cabeças, já que aí ele disfarça sob a modernidade das intenções uma prática vazia, autoritária e velha. Coisa que o espírito esquerdérrimo jamais compreenderá, evidentemente. Aliás, se vocês não sabem, há muito mais esquerdérrimas/os do que a gente pensa, neste país. Em geral, eles/elas se põem a ler seu primeiro manual de ciências políticas, ficam ligadões e saem para o recreio gritando: cadê minha metralhadora, cadê. Mas convém não generalizar porque as modalidades são muitas; por isso também seria insensato buscar referências pessoais nesse exemplo fortuito.

Oxalá este bilhete elegante chegue a vocês como um beijo. Desencontrado talvez, mas recheado de doce admiração. (**João Silvério Trevisan**)

Biblioteca Universal Guei

NOVIDADES

A CONTESTAÇÃO HOMOSSEXUAL
Guy Hocquenghem
150 páginas, Cr$ 320,00

Em que momento, e através de que excesso de peso, característico de tal designação, alguém mergulha no papel de homossexual público, assumindo uma determinação social que permite aos outros descarregarem sobre essa pessoa necessidades de encarnação, acusação e distanciamento? Hoquemghem faz a si mesmo esta pergunta, e a responde num livro palpitante.

SEXUALIDADE E CRIAÇÃO LITERÁRIA
Organização de **Winston Leyland**
251 páginas, Cr$ 400,00

As famosas entrevistas do jornal norte-americano Gay Sunshine, reunidas num livro e agora publicadas no Brasil: Tenessee Williams, Gore Vidal, John Rechy, Allen Ginsberg, Christopher Isherwood, Roger Peyrefitte e William Burroughs falam de suas experiências como homossexuais, e de como esta preferência sexual influi em seu trabalho de escritores.

BALU
Jorge Domingos
66 páginas, Cr$ 150,00

Segundo o ator Anselmo Vasconcelos (a Eloísa de "República dos Assassinos"), é o maior romance guei já escrito no Brasil. O autor, que vive em mistério na cidade de Petrópolis, diz que "Balu" quer mostrar o mal que o bissexual pode causar ao hetero e ao homo. Uma obra que **Lampião** recomenda especialmente. Um livro explosivo.

O AUTORITARISMO E A MULHER
Maria Inácia d'Ávila Neto
128 páginas, Cr$ 300,00

Uma contribuição original à análise sócio-cultural da condição da mulher no Brasil e das relações de poder entre os sexos numa sociedade patriarcal. Um livro que ajuda a entender, também, o mecanismo da dominação machista exercida sobre os homossexuais.

Os mais vendidos

1 — **BLUE JEANS**
Zeno Wilde e Vanderley Aguiar Bragança
As aventuras e desventuras de cinco rapazes, todos michês no Grande Rio (61 páginas, Cr$ 200,00)

2 — **INTERNATO**
Paulo Hecker Filho
A história de um grande amor homossexual adolescente num colégio interno gaúcho (72 páginas, Cr$ 220,00)

3 — **NO PAÍS DAS SOMBRAS**
Aguinaldo Silva
Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial e morrem por isso (97 páginas, Cr$ 300,00)

4 — **O BEIJO DA MULHER ARANHA**
Manuel Puig
Um terrorista e um homossexual, presos num cárcere argentino, descobrem o sexo e o amor (246 páginas, Cr$ 320,00)

5 — **FALO**
Paulo Augusto
Ousados poemas homossexuais escritos por um lampiônico de primeira hora (70 páginas, Cr$ 150,00)

Faça sua escolha

O ESTIGMA DO PASSIVO SEXUAL
Michel Misse
72 páginas, Cr$ 100,00

Um estudo sociológico sobre o estigma que se abate sobre os passivos sexuais — a mulher e o homossexual.

A FUNÇÃO DO ORGASMO
Wilhelm Reich
310 páginas, Cr$ 600,00

A obra máxima de um dos principais teóricos da revolução sexual.

UM ENSAIO SOBRE A REVOLUÇÃO SEXUAL
Daniel Guérin
192 páginas, Cr$ 330,00

Anarquista, bissexual, Guérin, neste livro escrito em 1968, fala do mesmo tema: a liberdade sexual.

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr$ 200,00

Um bofe a prazo fixo, uma bichinha sorveteira, um Papai Noel fanchone: muito **non sense** no último livro do autor de **A Meta**.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr$ 200,00

A história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 páginas, Cr$ 300,00

Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!)

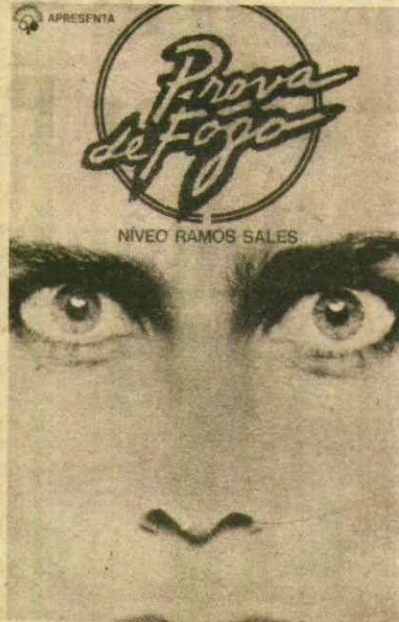
O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 150,00

A trágica história de Ângela Diniz e seus amigos. Um libelo contra o machismo e a opressão.

A oferta do mês

A META
Darcy Penteado
99 páginas

O livro de estréia de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados. "Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto a que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito" (Léo Gilson Ribeiro). Da safra de livros entendidos publicados no Brasil nos últimos anos, **A Meta** já é um clássico. Últimos exemplares à venda, a preço especialíssimo: apenas Cr$ 200,00. Somente os cem primeiros pedidos serão atendidos.

Da Esquina

PROVA DE FOGO
Nívio Ramos Sales

A história de um pai-de-santo dividido entre duas entidades: um viril boiadeiro e uma sensual ciganinha. Um livro palpitante sobre os bastidores da umbanda e do candomblé, apresentando uma nova visão dos ritos afro-brasileiros: um caminho para a liberação sexual. Faça já a sua reserva; aproveite o preço especial de pré-lançamento. 108 páginas, Cr$ 300,00. **O filme** Prova de Fogo, **baseado neste livro, será lançado em abril.**

ESCOLA DE LIBERTINAGEM
Marquês de Sade

Uma bicha, uma lésbica, um casal heterossexual e depois, uma quinta pessoa, um jardineiro, reunidos numa mansão, se entregam a todo tipo de exercícios amorosos. O objetivo: transformar a jovem e ingênua Eugênia numa grande amante, numa adepta fervorosa do pansexualismo. Um dos livros mais crus e ousados jamais escritos. A obra-prima do genial Marquês (172 páginas, Cr$ 350,00)

NUS MASCULINOS/81
Fotos de Cynthia Martins

A subversão lampiônica chega às tradicionais folhinhas: em vez das pin-ups habituais, apenas rapazes nus. De janeiro a dezembro, fotos incríveis para você pendurar no seu quarto, ou no seu banheir[illegible]. Últi[illegible] exemplares. (Cr$ 200,00)

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, Cr$ 200,00

A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão.

O DIGNO DO HOMEM
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 1.000,00

Em edição especial, de luxo, um dos livros mais ousados já escritos no Brasil. Conheça a mala de ouro!

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 250,00

Aguinaldo Silva, Jean-Claude Bernardet e outros discutem as relações entre sexo e poder.

OS HOMOSSEXUAIS
Marc Daniel e André Baudry
173 páginas, Cr$ 250,00

Um livro escrito com o objetivo de desmistificar o homossexualismo enquanto assunto tabu.

EU, RUDDY
O próprio
60 páginas, Cr$ 500,00

Poemas de rara sensibilidade e fotos ousadas do autor. Uma obra para colecionadores.

LANÇAMENTO

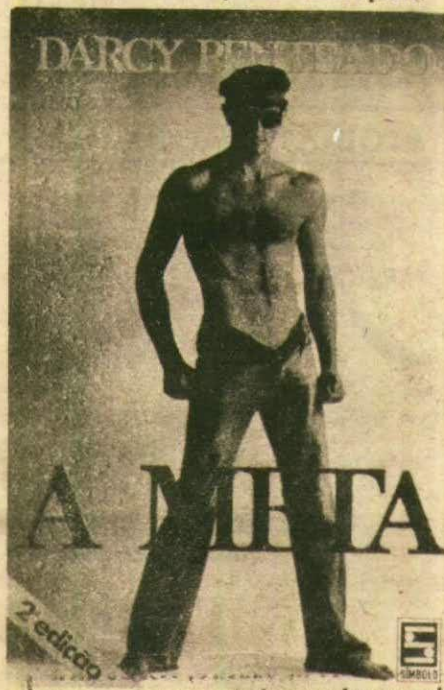
OS CÃES LADRAM
Truman Capote
345 páginas, Cr$ 450,00

Um livro incrível sobre pessoas e coisas com quem Truman Capote, o grande escritor homossexual norte-americano, conviveu. Marlon Branco, Jean Cocteau, Ezra Pound, Marilyn Monroe, Louis Armstrong, André Gide e outros personagens ilustres. Capote é o autor de "A Sangue Frio".

Todos estes livros podem ser pedidos, pelo reembolso postal, à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41.031, CEP 20.400, Rio de Janeiro, RJ). O total de cada pedido será acrescido do valor do seu porte.

Se você pedir acima de quatro livros, receberá como brinde, inteiramente grátis, um exemplar do calendário Nus Masculinos/81.

Aguarde os próximos lançamentos da Esquina: **A Bicha Que Ri** (coletânea de piadas entendidas) e **Histórias de Amor** (de Aguinaldo Silva, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan e Gasparino Damata).

A peleja entre Darcy Penteado e Antônio Calmon

1º round

Prezadas colegas. Escrevo a respeito da participação do Senhor Darcy Penteado em um debate sobre bissexualismo publicado na revista **Status**. Talvez devesse escrever diretamente à **Status**, mas acho que roupa suja se lava em casa, e minha casa é o **Lampião**, embora me sinta mais no quarto de empregado que na sala de visitas. Acho incoerente lutar-se pelos direitos e pela dignidade da população homossexual, discriminando-se ao mesmo tempo duas minorias que existem dentro dela, a dos bissexuais e a dos michês. Acho o seguinte:

1) que o Senhor Darcy Penteado é um equivalente do Luiz Carlos Prestes dentro do movimento gay. Equivale também aos machões (?) do Pasquim, aos militantes da extrema direita e aos setores reacionários da Igreja Católica. Sua visão do Fernando Gabeira é sintomática.

2) No início dos anos 80 e no fim do século XX é de uma extrema intolerância criticar-se qualquer comportamento sexual que não seja homicida. Gostar de homem, mulher, garoto, travesti, cabras e galinhas, de ser mijado, de apanhar, de bater, de fist-fucking, de comer cocô é um direito do indivíduo.

3) Nem todo bissexual, como afirma frivolamente o Senhor Penteado, usa a relação heterossexual como defesa diante da sociedade. Existem pessoas que simplesmente gostam das duas coisas. Sempre afirmei publicamente meu homossexualismo com orgulho, e sou bastante discreto em relação a meu lado heterossexual. Faço isso por uma visão política anti-sistema, visão sofisticada demais para o Senhor Penteado e outras pessoas conservadoras. Aliás considero o Senhor Penteado uma pessoa da direita, ligado demais à burguesia paulista para o meu gosto.

4) Alguém andou escrevendo no Lampião que bissexualismo é coisa de esquizofrênico. O que é que ele (ela) propõe: tratamento psiquiátrico, choques elétricos, campo de concentração? É uma posição idêntica a de certas esquerdas que combatem a ditadura para instalar um governo tão repressivo ou mais.

5) Abrir as páginas de um jornal gay para as mulheres e o movimento feminista e, ao mesmo tempo, condenar publicamente os homossexuais que amam e trepam mulheres é de uma extrema hipocrisia.

6) Na reportagem do Lampião sobre michês, todo o mundo comeu e ninguém deu. O Senhor Penteado disse que gosta de bunda de homem. Será que só de bunda? se for verdade é falta de imaginação. Os bissexuais podem afirmar com orgulho que gostam de dar. Existe ainda muito machismo entre os gays brasileiros, muita raiva das mulheres.

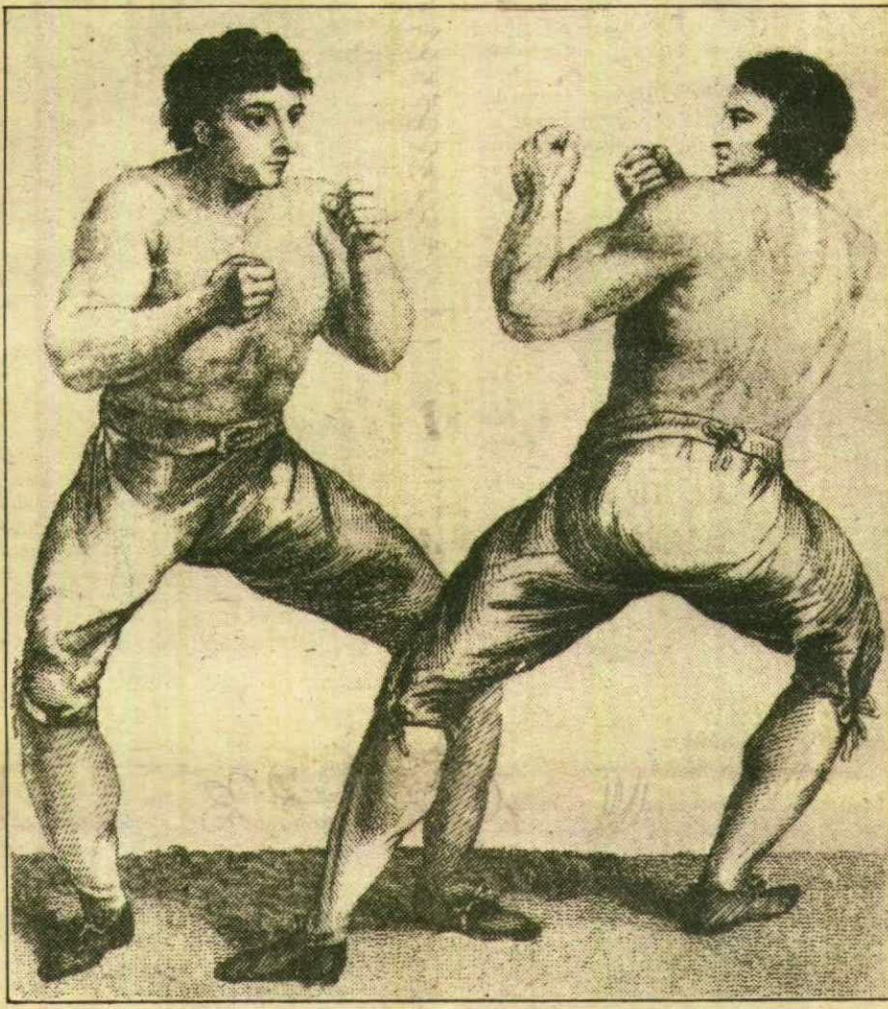
7) Se conhecesse melhor história (vide os gregos) ou antropologia (certas tribos indígenas e africanas), o Senhor Penteado e outros saberiam que o bissexualismo não era coisa deformada, mas um hábito cultural. Se conhecessem melhor o próprio povo brasileiro, estou falando do povão que não freqüenta salões elegantes, saberiam que a transa homossexual é tão natural quanto a heterossexual. Quem reprime é o Poder.

8) Ninguém tem obrigação de ser bissexual, mas não é monstruoso sê-lo. Existem bissexuais neuróticos como existem saudáveis. Assim como ser homossexual não significa que a pessoa necessariamente seja íntegra. Filhos da puta existem em todos os setores da sociedade, assim como os santos.

9) Boi, Boi, Boi, Boi da cara preta, pega esse menino, que tem raiva de boceta.

10) Alguns bissexuais famosos: Alexandre o Grande, Janis Joplin, Luiz XIII, Somerset Maugham, Joan Baez, Tallulah Bankhead, Kate Millet, David Bowie, Júlio César, Maria Schneider, Collete, Bassil Smith, André Gide, Paul Verlaine, Horácio, Gore Vidal, Oscar Wilde, Virginia Woolf, Elton John, etc... Eram ou são monstros? (Os brasileiros eu não entrego. Todo mundo sabe).

11) Para deixar as coisas bem claras. Sou liberado, libertino e libertário. Prefiro rapazes e não é só da bunda deles que eu gosto não. Mas não recuso o amor das mulheres.

12) Estou exercendo o meu direito de crítica. Coleciono todos os exemplares do Lampião. Espero ansiosamente todo o início do mês pelo novo exemplar. Continuarei a fazê-lo. Por que vocês não abrem as páginas também para nós? Love, **Antônio Calmon.**

2º round

Meu caro Calmon. É difícil discutir com alguém como você que ideologicamente atira para todas as direções sem fazer pontaria em nenhuma — mesmo quando, para descarregar neuroses, escolhe ao azar uma pessoa, como eu, de quem desconhece antecedentes. Acontece que, convicto de minha integridade moral, não estou disposto a usar a carapuça de burguês direitista que você inventou para a minha cabeça. Mesmo aos 54 anos, pode crer que sou bem mais capaz de "virar a mesa", encabeçando passeatas ou acusando publicamente policiais facínoras que chantageiam ou violentam prostitutas e travestis, do que certos teorizantes de uma esquerda abstrata que ficam salvando a pátria nos barzinhos de Ipanema. Se das minhas múltiplas atividades você só conheceu até hoje a profissional, de retratista de dondocas, — que também eu considero fútil mas que ainda me dá o que comer —, é porque deve ter ouvido falar muito dela, no seio da sua aristocrática (e, portanto, burguesona) família, para a qual, se não me falha a memória já prestei meus serviços profissionais.

Vamos então acabar com esse populismo de boca pra fora, de "povão que não freqüenta salões, elegantes", "heterossexualismo discreto, por uma visão política anti-sistema" etc. (cruzes! Não entendo bem o que seja isto, mas deve tirar o tesão de qualquer um!...) e outras frases pomposas que, na verdade, só indicam que você tem complexos de culpa por ter nascido em família burguesa (além do mais intelectualizado) e não proletária como (teoricamente) gostaria. Conheço o gênero — não se perturbe: esse complexo virou moda entre intelecutais, atualmente.

Quanto a mim, estou isento e vacinado: meu nome de família não está, como você supõe, ligado aos "salões paulistas". Meu pai era funcionário público numa pequena cidade do interior e eu, aos 17 anos, já trabalhava numa fábrica ganhando salário de aprendiz, não como operário, mas como desenhista mecânico, o que não me traz orgulho nem me violenta — era um trabalho como qualquer outro e na época eu precisava dele. Se cheguei ao que sou(?), foi por ambição, talento e muito trabalho. Portanto Calmon, não será você, com esse puta nome de família nas costas, que, por tabela, jogará "grilos" familiares e suspiros ideológicos pra cima de mim.

Da mesma forma arbitrária como me escolheu, você pinçou (e mal) das minhas frases, na mesa-redonda de **Status**, apenas o que lhe interessava para defender o seu bissexualismo de cuja autenticidade, sinceramente, não tenho razões para duvidar. Mas, já que se diz assíduo leitor do Lampião, deverá ter notado como insisto em meus artigos no direito de cada qual fazer o que bem quiser. Meu ataque (que você não quis entender) é ao bissexualismo que vem sendo usado como escudo por conhecidos homossexuais de nome ou imagens públicas, imaginando que este pega melhor que o homossexualismo declarado, perante o seu público consumidor. Ora, isto não deixa de ser enrustimento! Esta é a tal bandeira careta que citei, apesar de que, para mim, o bi é e será antes de tudo um homossexual, até que as denominações desapareçam, substituídas por um conceito genérico de secularidade múltipla (conforme digo no final da entrevista).

Outro "flaga" à falta de atenção da sua cabecinha louca foi o seguinte: a única citação ao Gabeira em toda a reportagem, **não é minha**, mas do Marcos Magaldi (**Status** nº 79, pág. 31, 2ª coluna, 7º parágrafo). Você também afirma o quê não afirmei, de que **de homem, eu só gostava da bunda**. Pô, a gravação de 4 horas foi editada com reduções, mas um bom leitor perceberá que o mais está subentendido. É lógico, querida, que também gosto de uma boa caceta e de tudo o mais do corpo de um homem, tanto quanto você, que também é homossexual (Oh! perdão: bissexual). Porém, nesse ponto é que você me insultou de verdade, mais do que me acusando de burguês da direita, porque por em dúvida, não só a minha lucides e diversificação como homo, mas também a minha fértil, fantasiosa e inventadora imaginação. Audaciosa!

Não só a mim, mas também ao Lampião você estende o seu ataque. Reafirmo que o nosso jornal sempre esteve aberto a todos que queiram polemizar assuntos minoritários; portanto, se você, como elemento da minoria bissexual ainda não mandou colaboração, foi porque não quis — ou por não estar ainda totalmente convicto das suas razões. Beijos atrozes do **Darcy Penteado.**

Só para leitores desbundados:

O Lampião está preparando matéria sobre fantasias sexuais para um dos próximos números. Para tanto, solicitamos que nossos leitores e leitoras nos escrevam contando detalhadamente suas fantasias, sem qualquer discriminação de sexo, religião ou cor. Basta botar para fora tudo, do jeito que sair. Vale colocar até nome falso. Aliás, quanto mais falso, melhor.

Tendências

Saudades de Manoel Maurício

No dia 17 de março, terça-feira, após uma manhã de trabalho no velho prédio do Largo de São Francisco, Manoel Maurício de Albuquerque tombou no interior de uma livraria acompanhado por sua fiel e dedicada amiga Eulália Lobo, como ele professora e historiadora. Nesse último dia de sua vida, Maneco — como os alunos carinhosamente o chamavam — acordou cedo, como sempre, deu aulas de História do Brasil, preparou, com Filomena Gebran, o programa de um novo curso, brincou com colegas, preocupou-se com um pássaro ferido no pátio do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais — da mesma forma com que se preocupava com as pessoas no seu quotidiano — e foi almoçar com Eulália.

No almoço, falou da vida, recordou a infância, a adolescência, a juventude e fez com que ela falasse também de sua própria vida. Falou da frustração de ter saído de sua terra, da tristeza em separar-se dos pais, da mágoa que guardara e do perdão que soubera dar aos que o feriram. Após o almoço, caminharam, ainda falando da vida, para a Livraria Ivo Alonso, na Praça Monte Castelo, onde Maneco iria saber da procura de seu livro, uma de suas grandes preocupações dos últimos tempos. E foi justamente aí, cercado de livros, que sempre fizeram parte do seu mundo, ao lado de uma professora de História e a refletir sobre a existêntia, que seu coração, atingindo por tantos sofrimentos, explodiu.

Manoel Maurício nasceu em Viçosa, Alagoas em 1928. Muito cedo, porém, os pais enviaram-no para o Rio, entregando-o aos cuidados de um tio general do exército, que deveria encaminhá-lo para a carreira militar. Mas seria outro o seu destino, não o das armas, com as quais nunca lutou, e sim o da busca do conhecimento e sua socialização.

Sua trajetória de vida foi a de um erudito e a de um homem de profunda sensibilidade para as construções humanas. Entregou-se ao magistério, como a um sacerdócio. Acreditava profundamente no valor do seu trabalho junto às novas gerações, assim como tinha imenso prazer em ensinar História a trabalhadores e a homens e mulheres comuns, muitos dos quais alfabetizou.

Somente os amigos mais íntimos conheceram suas dedicações afetivas particulares, aspecto de sua vida a que só dedicou atenção nos últimos anos, vencendo preconceitos e a repressão interiorizada por décadas. No entanto, amou a sociedade humana como um todo, sabendo respeitar profundamente e a servir a todas as pessoas — era capaz de lembrar-se da história particular de cada um dos que cruzaram seus caminhos, nunca esquecendo de ninguém.

Ao exercício digno, competente e democrático do magistério, compensaram-no com a cassação, através do AI-5, e com o afastamento compulsório do ensino universitário, quando ainda não havia assumido o marxismo como método para a sua reflexão sobre a história do Brasil. Resistiu e sobreviveu lecionando em cursinhos de vestibular, que por longos anos exploraram sua valiosa força de trabalho. Preso duas vezes em 1972, foi barbaramente torturado nos cárceres do DOI-CODI. Das prisões restaram profundos vestígios que vieram abreviar sua vida.

Como historiador, somente agora Maneco lançara o livro de sua vida — Pequena História da Formação Social Brasileira, grande e corajosa síntese que, certamente, influenciará e auxiliará os estudiosos da História e da Cultura no Brasil. Como mestre que vivia intensamente o que transmitia, sua atuação já vencera os espaços das salas de aulas para fazer-se presente em uma produção cultural mais ampla, na assessoria e orientação que dava à gente de teatro, cinema e televisão. Recentemente, uma de suas grandes preocupações era utilizar os meios de comunicação de massa, como o rádio e a TV, para divulgar o conhecimento histórico que acumulara durante anos e que fazia acompanhar por uma interpretação desmistificadora da história.

Com sua prematura morte, aos 53 anos, Manoel Maurício de Albuquerque deixa um grande vazio em nossas vidas. Vazio que ultrapassa nossas próprias consciências para inscrever-se na vida cultural brasileira contemporânea. Seu desaparecimento aumenta nossa solidão, a solidão daqueles que, como ele, dedicam-se a refletir e agir em direção a transformação social no Brasil. (Afonso Carlos Marques dos Santos).

Bixórdia

Ecos do Carnaval

• Os cinemas Íris, Marrocos, São José e Scala foram fechados por falta de condições, segundo os fiscais. E as bichinhas pobres coitadinhas, para onde irão? A verdade é que esses cinemas eram freqüentados somente por homossexuais (e/ou compreendidos) que faziam deles um programa barato e ao mesmo tempo a felicidade de seus donos, pois não fosse os **habituées**, eles ficariam às moscas (melhor do que às ratazanas, como o Veneza e o Bruni Ipanema). Agora perguntamos: cadê peito para fechar esses dois últimos, que cobram um absurdo e não oferecem o mínimo de conforto aos espectadores? Cadê peito? Uma coisa garantimos: alguns freqüentadores dos cinemas populares acima citados tinham peito. E muito...

●●●

• Em São Paulo, um jovem artesão da feira hippie, juntamente com um amigo, atraía pessoas de todas as idades com oferecimento de bebida e tóxico, levava-as para um matagal e depois de transarem de tudo, matavam-as. Ora queridinhas, precisava isso? Agora vão ficar presinhas por muito tempo. Tanta gente querendo de graça! Os dois poderiam até ganhar uma bebidinha, uma Cannabis Sativa e ainda transarem num apartamento divino em Higienópolis. Burrice ou amor ao perigo?

●●●

• Aquela bicha passou dez anos tomando hormônio e foi morrer com câncer no seio! §§§ O bebê cresceu fortíssimo. Foi amamentado com silicone pelo pai. §§§ Aquele travesti fez duas operações. A primeira para cortar o pinto. A segunda para fazer fimose na xota. §§§ Dizem que aquele famoso travesti calça 44. Mentira, calça 37. Quem disse que dedo e calcanhar a gente mede? §§§ Se Jane emprestar seus seios a Camilly, a segunda vai trabalhar com a cabeça à altura do joelho. §§§ Puxava tanto o pinto para trás, quando ia se apresentar no palco, que acabou sendo comida por ela mesma...

●●●

• O que é o destino. A principal boate gay de Roma, situada no fim da Via Veneto, chama-se St James. Em Paris, três delas (o insuportável Club 7, a Bronx e o Piano Bar) estão instaladas na Rua Sant'Anne. Em Madri, o melhor pub é o San Sebastian. Aqui no Rio, o Sótão fica na Av. N. Sra. de Copacabana. Existe baile gay no São José e o Elite fica no Campo de Santana. Em Salvador, a boate Safari, uma das melhores de lá, fica na Ladeira de Santa Teresa. Estão boas, santas?

●●●

• No excelente show de comicidade que dá em "Essa Noite as Calças Voam", em cartaz no teatro que leva o nome da primeira dama da exploração Gay, Brigitte Blair, a maravilhosa Geórgia Bengston diz a certa altura, num quadro de telefonista, que a pessoa que ligou procurando Ali Babá deveria ligar para Brasília. Geórgia, minha querida, será que estão todos lá? Pelo que me consta, a Riotur é aqui mesmo.

●●●

• Com estréia prevista para daqui a um mês, aquela que promete ser o maior sucesso da temporada. Uma tragicomédia de Aguinaldo Silva e Doc Comparato intitulada "As Tias". O Teatro é o da Lagoa, a direção é de Luiz de Lima e o elenco é formado (morram de inveja, produtores!) por Susana Vieira, Italo Rossi, Emiliano Queiroz, Paulo Cesar Peréio, Nildo Parente e Danton Jardim.

●●●

• Simone afirmou recentemente, numa entrevista ao Pasquim, que a crítica (êta!) de música do Jornal do Brasil, Maria Helena Dutra era um sapatão enrustido (?) que tinha vontade de comê-la (Simone). Analisando a resposta da ex-jogadora de basquete ficamos em dúvida sobre qual ditado encaixaríamos nesta briga. Será "Elas que São Brancas que se Entendam" ou "Em Briga de Marido e Mulher Ninguém Mete a Colher?"

●●●

• Vamos marcar um encontro, queridinhas? Em plena Cinelândia, no Teatro Rival, dia 4 de maio, às 21 horas. É que o Lampião completará três anos de existência e, como nas duas vezes anteriores, promoverá uma grande festa, a Bixórdia III. Quem participou das outras duas sabe que não vale a pena ficar em casa e perder tão supimpa espetáculo. E este ano teremos muitas novidades. O show será mais quente do que nunca e todos os artistas lampiônicos estarão presentes, e bem ao seu lado. A coordenação é do Zé Fernando Bastos e do Antônio Carlos Moreira, o que garante o bom espetáculo.

PENSAMENTO DO MÊS

A pistola do trombadinha é o pinto

(Glauco Mattoso)

Ecos do carnaval

Do Paulistinha ao Gala-Gay

Foto: Ricardo Fragoso Tupper

No camarote do Lampião no Gala-Gay: Rogéria, Darcy e Ruddy, a pantera

Pus em ação a tropa de choque do Lampião a fim de que me nomeassem membro do Júri do "Carnaval do Paulistinha" (•). Consegui. E assim, na sexta-feira de carnaval, não sem enormes dificuldades, após meia hora de penoso percurso, espremido de todos os lados, pulando (sob protestos) por cima de mesas, saltando grades de ferro, credenciais nas mãos, cheguei ao palanque dos jurados armado em "plein air" na Rua Gomes Freire. Minha razão maior em participar era a desconfiança, que se confirmou, de que o concurso era um aproveitamento consumista (mais um) do homossexualismo, pelo ôba-ôba do sistema.

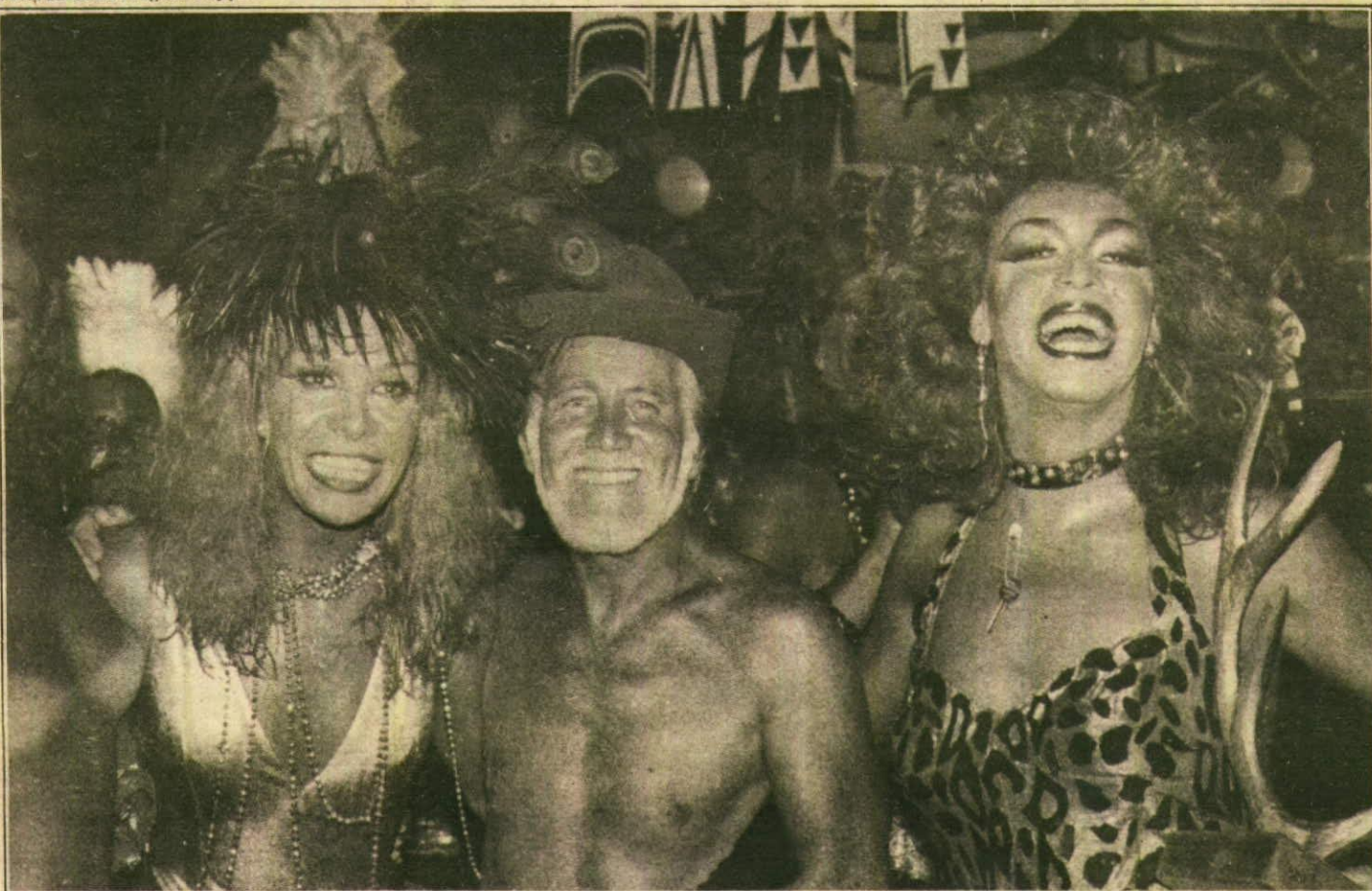
Estamos francamente em moda. Um pouco demais, eu acrescentaria — e isto se preocupa. Uma lei da física diz que "toda ação provoca uma reação igual e contrária". A excessiva "aceitação" atual nestes brasis da homossexualidade, ou melhor, daquela que vem recheada de muito frescura e recoberta com plumas e paetês, não impediu por exemplo que a repressão policial, mais uma vez, recaísse com violência sobre os homos que durante o carnaval foram à procura de prazeres nos "buracos" conhecidos do Rio, um deles a "Via Appia". Donde se conclui: homossexualismo pode, mas nas fórmulas que os heteros permitam e determinam.

Talvez a idade esteja me tornando mais e mais radical e isto passa a ser problema a partir do momento em que estou sempre cobrando participações ou encontrando intenções desonestas e oportunistas onde talvez elas só existam inconscientemente. Quero crer que seja este o caso do concurso do "Paulistinha", onde o **uso** do travestismo não esteja conscientizado pelos organizadores — mesmo eles não farão disto um problema de consciência: são os donos do campo e da bola, têm a torcida do lado deles e... as bichas concorrentes querem mesmo é aparecer, portanto...

Não pretendo fazer um comentário totalmente negativo desse acontecimento carnavalesco que tem (ou já teve) uma participação verdadeiramente popular, caso raro no Carnaval carioca, onerado pelos turistas e pela corrupção organizada. A idéia primeira foi tão louvável quanto formidável: fecha-se ao trânsito um quarteirão todo de uma rua central e realiza-se uma festa popular, com tudo oferecido gratuitamente. Assim foi há 12 anos, quando começou. Mas daí sofisticou-se e ganhou fama; com isto aumentou o afluxo de gente, tanto que foi preciso fechar as passagens, só se permitindo a entrada com convites que, por sua vez foram e são distribuídos a um público específico de amigos e conhecidos dos organizadores, acrescidos dos amigos dos conhecidos e dos conhecidos dos conhecidos dos organizadores. Sem deixar de ser popular, isto determinou uma tendência mas, tudo bem: a festa é deles e ninguém teria nada com isso, muito menos nós, os lutadores da causa homossexual (salve, salve), se o prato forte do evento (que com o correr dos anos passou a ser um prato único, bem reforçado) não fosse o uso dos homossexuais como deleite para heteros.

HAJA SILICONE

A começar pela maioria do júri, tudo o que circulava por lá (exceção aos da passarela) era heterossexual (ou muito bem enrustido). Portanto o critério de julgamento tinha como ponto de referência não um padrão homossexual específico (no caso o travesti), mas a imitação do corpo feminino como representação do mito do prazer para o macho: padrão mulher-objeto sexual. Talvez eu pareça confuso mas para mim um protótipo de travesti (se é que se pode falar de protótipos num campo ainda tão desconhecido) é a Rogéria, que não pretende ser mulher mas especificamente travesti. A referência feminina existe para ela (ele), principalmente como elemento artístico. No mais, ela curte com inteligência a sua androgenia, sem necessidade de hormônios, silicones, etc. É verdade que nem todos (todas) têm o talento da Rogéria...

Mas voltando ao concurso, as opiniões dos jurados, mesmo as mulheres, eram unânimes: "Que seios, que bunda!" Quanto mais silicone estufando seios e quadris, quanto mais adiposas as bundas, maiores as notas. Parecia haver um recôndito e mórbido prazer em incentivar as deformações; uma vingança (sempre inconsciente, convenhamos) contra o que se convencionou chamar de terceiro sexo. Cumpre-se assim um plano bastante lógico: mais estereotipados conseguirem nos fazer, mais facilmente seremos identificados e usados. Quanto ao público, então, bastava observá-lo para constatar que a grande maioria havia saído de casa com o intuito e o mesmo ar de curiosidade com que se vai ver animais no zoológico. Só não levaram os filhos pequenos para assistir aos "fenômenos" devido ao avançado da hora.

Falei em enrustido. Existiam sim, e muitos, só que dificilmente identificáveis sob a pele de machões ou chefes de família. Caso típico, por exemplo, foi o que sucedeu com os amigos que me acompanharam: um senhor sisudo e de esposa a tiracolo esbarrou forte num meu amigo (entendido) do grupo (bonito e vistoso), que respondeu asperamente à grosseria. O sisudo a princípio lançou-lhe um olhar duro mas em seguida desculpou-se e até convidou o grupo (esse amigo, seu caso e mais um casal) a se acomodar próximo a sua mesa. Tão logo apaziguados os ânimos, o sisudo abriu o jogo, só que por vias indiretas: sussurrou ao ouvido da minha amiga (na frente do marido desta, dos outros dois e da própria esposa), pedindo-lhe que o ajudasse a conquistar o rapaz a quem propositalmente esbarrara. A mulher do sisudo, a seu turno, voltou-se indignada contra o marido, porque, imaginem! Ele estava fazendo propostas a uma outra mulher na frente dela! Bem... o final desta história pirandeliana fica para a próxima vez, porque agora peço passagem para falar do Gala Gay.

NASCE UMA ESTRELA

Até hoje, bicha só servia mesmo para sofrer vexame e ser explorada. No Carnaval então, nem se fala! Cobravam caro pelos bilhetes dos bailes (infalivelmente organizados por heteros) e não ofereciam nada em troca, a não ser o espetáculo espontâneo, que é sempre feito pelas próprias bichas e oferecido de graça. No mais, os salões eram porcamente decorados (quando eram), o calor insuportável pela ausência de renovação de ar, as bebidas mornas, o cheiro de mijo amanhecido invadindo corredores e salões, nenhuma segurança, etc., etc.. Foi então que o empresário Guilherme Araújo, com seu refinamento mesclado a um incrível "faro" para negócios inéditos resolveu dar dignidade ao carnaval entendido organizando no Canecão, na terça-feira gorda aquele que foi, sem dúvida, o maior baile do Carnaval carioca deste ano: o 1º Gala Gay.

Também o concurso de fantasias foi planejado e cumprido de forma inteligente: ao contrário dos demais, que se indentificam com aqueles tediosos "luxo e originalidade" (ou no caso do "Paulistinha" com o que poderíamos chamar de "banquetes silicônicos") o júri deu prêmios de personalidade ao Ruddy (travestido como uma perigosa mulher pantera sado-masoquista) e a um rapaz de grande senso de humor e imaginação que se apresentou como vaca leiteira.

Porém o ponto alto da noite foi Rogéria e, neste ponto do comentário, faço uma pergunta: qual das "big stars" da nossa música popular (lembrem-se dos nomes das maiores e façam uma listinha) seria suficientemente corajosa para interromper um animadíssimo baile de carnaval e começar um **show**? Nenhuma delas teria "saco" para tal, tenham certeza! Pois Rogéria fez e foi o delírio total! Não vacilo ao afirmar que Rogéria foi a grande diva deste Carnaval, nos bailes, no desfile vencedor da nossa Imperatriz Leopoldinense, na presença obrigatória nas páginas inteiras das revistas. Seu **show** do Gala Gay demonstrou não só seu talento e garra, mas o grau de maturidade artística a que chegou atualmente.

Vamos torcer para que o futuro não disvirtue o Gala Gay em simples atração turística e que esse baile continue digno da sensibilidade dos homossexuais da sua boa vontade e alegria, quando sentem que estão sendo recompensados. Podem os meus cordiais inimigos da politicamente engajada "ala gay" dos partidos acusar-me de fútil e inconseqüente, mas afirmo com segurança que o 1º Gala Gay já faz parte da história do movimento homossexual brasileiro. Como a nossa luta política é **também** e principalmente pela liberação da nossa sexualidade e do nosso corpo, tanto é válido um baile desse gênero como uma passeata ou um manifesto. Azar de quem não souber fazer ou não quiser participar desse tipo de política reivindicadora, tanto nas ditas coisas sérias como nos prazeres. (**Darcy Penteado**).

(*) "Paulistinha" é um bar da Rua Gomes Freire, no Rio de Janeiro.

Um bonde chamado "24"

Zé Maria é um amigo meu que eu conheci nas quebradas da Lapa. Dotado de forte personalidade, ele pratica uma arte bastante difícil nos dias de hoje: é um amigo leal. Trabalha como cabeleireiro no centro da cidade, e faz a cabeça de dezenas de mulheres, que formam fila para merecer os seus cuidados. Foi graças a ele que eu me vesti pela primeira vez de mulher. Não me tornei travesti, é claro, alguém que passa a só se vestir de mulher, mas pratiquei o travestismo, o ato de, ocasionalmente, usar roupas do sexo oposto, seja de que forma for: por curiosidade, preferência, de brincadeira, no carnaval, etc.

Foi assim: perto do carnaval deste ano, faltando uns 15 dias, Zé Maria me convidou para sair na Escola de Samba Unidos de São Carlos, cujo enredo era sobre a querida Praça Tiradentes. Pensamos, então, em participar da ala do Baile dos Enxutos. Nossa fantasia seria de mulher. No começo fiquei entusiasmado, e tratei de conseguir com alguns amigos o material necessário. Zé Maria sempre por trás (no bom sentido), me dando aquela força. Passaram-se os dias, e as dificuldades começaram a pintar. Eu não pensava em comprar roupas, sapatos, maquilagem e tudo o mais. Afinal, era apenas uma brincadeira. Quando chegou no domingo de carnaval eu não tinha nada; tinha ido tudo por água abaixo. Ninguém quis me emprestar nada, e uma frustração tomou conta de mim.

Mas meu destino já estava selado, tinha que ser agora. Às 22h da noite de segunda-feira de carnaval, Zé pinta na minha casa com uma novidade conseguira arrumar uma fantasia para mim. Quase não acreditei. Fomos pra casa do cabeleireiro Carlinhos, um cara genial que também trabalha no Centro. Lá me deparo com uma tremenda baiana, cheia de babados nas cores dourado, branco e amarelo. Experimentei, e me coube como uma luva: perfeita. Zé Maria, sempre me entusiasmando, ao mesmo tempo tratou de se vestir numa rumbeira. E aí começou a grande transformação.

Depois de arrumar a roupa veio o segundo drama: o sapato. Eu, com um pé 42, dificilmente conseguiria, àquela hora da noite, um sapato do meu número. Pintou a Índia, uma bicha amiga nossa. Me ofereceu seu sapato. Número 38. Que drama. Experimentei o mesmo e vi que a metade do meu pé ficava de fora. comecei a treinar assim mesmo. Ando pra lá e para cá no intuito de conseguir me adaptar. Dez minutos mais tarde consigo. Pensei: "Mas o que uma bicha não consegue?" Cambaleando no início, ensaio também sambar com aquela coisinha no pé. Tudo bem; dá certo.

No meio de muita batida e drinques paralelos, a gente vai **se colocando** (termo usado para o pilequinho). Daí para diante um grupo de bichas começou a fazer o ritual da transformação. Eram Ivan, Nélson, a Índia, Zé Maria e eu. Depois de tudo acertado em relação às roupas veio a maquilagem. Fomos então para a casa do Tadeu, que é um excelente maquilador de bichas — sua arte já começou a pintar com sucesso na cidade. Ele mora no 31 da Rua Taylor. Nos dirigimos para lá.

MUITO BARRO

No apartamento de Tadeu se encontravam pessoas que também se preparavam para desfilar. Entre eles, Pedrinho, Xana, o próprio Tadeu e muitos outros. Pedrinho começou a fazer minha cara e passou o primeiro **barro** (termo usado para a maquilagem das bichas). Logo após Tadeu iniciou a pintura dos olhos, pometes, boca, etc.. Em poucos minutos minha cara estava irreconhecível. Me olhei no espelho e gritei "Cruzes, que bicha bonita!" Dava até pra faturar uns trocados nas esquinas da Lapa. Tudo pronto. Voltamos para o apartamento do Carlinhos a fim de botarmos nossas fantasias. Foi aquela festa. No apartamento ao lado Madri, Wanderlei e Paulo (pessoas que pertencem à ala guei do centro) também se preparavam para sair conosco. Os três se vestiam com fantasias da escola, porém sem o travestismo. Formamos um grande grupo e fomos para a concentração.

No caminho para a Avenida Marquês de Sapucaí, comecei a me sentir um travesti. As pessoas passavam por mim, ficavam espantadas ou apavoradas; eu dava início ao meu desfile. A polícia, nem se fala. Sempre olhando de "banda". Alguns visivelmente irritados com o que viam. Pareciam esperar um pequeno deslise para iniciar uma sessão de pancadaria. Mas a gente estava nos dias de glória, e nem dava bola para os olhares atrevidos.

Perto do Edifício "Balança mas não Cai" uma multidão se aglomerava num pequeno trecho para entrar na avenida. Eram mais ou menos cinco horas da manhã. A cerveja rolava juntamente com outras **cositas mas.** Vários rapazes cercavam as bichas. Era um tal de mão para todos os lados; bolinação é que não faltava. As cantadas? Nem se fala! Corriam adoidadas. Eu fiz a linha fina; somente acenava e dava beijinhos para os mancebos que me cercavam. Era a glória. Repentinamente foi dada a partida para que todas entrassem em forma, pois o desfile ia começar. Eu nem sabia onde iria ficar, quando gritou uma bicha "atenção, bonecas, todas para o Baile dos Enxutos!" Foi uma correria só.

NA PASSARELA

Quando cheguei no início da Avenida Marquês de Sapucaí, quase tive um troço. Olhei aquela distância imensa. Um verdadeiro pavor tomou conta de mim. Será que eu agüento? Não tinha jeito. Meti as caras e dei nas cadeiras. Samba aqui, samba ali, um verdadeiro sangue de sambista tomou conta de mim. Ora se ouviam aplausos, ora vaias. Mas também muito galanteios foram gritados pelo público.

Gente, foi o suficiente pra que eu botasse pra quebrar.

No final da Avenida o samba continuou rasgado. Naquela altura eu queria que a Marquês de Sapucaí fosse duas vezes mais que a sua extensão normal. No meio disto tudo tenho que confessar uma coisa; logo que cheguei ao final do desfile, tirei correndo o sapato 38!, meus pés estavam em chamas. Tratei de ir para casa descalça.

Às oitos horas da manhã estávamos todos num botequim na Avenida Mem de Sá bebericando mais cerveja. Às nove horas da manhã fui para casa, agora sem aquela maquilagem, e caí na cama. Desmaio.

Depois do resultado final, em que a Escola de Samba Unidos de São Carlos se classificou como campeoníssima, e sem modésita, graças às bichas, veio o desfile da vitória. Agora o público que estava na Marquês de Sapucaí era outro. A Escola também não apresentava todo o seu esplendor do dia do carnaval. Mas tudo bem. O importante era a consagração.

Ao entrarmos na Avenida a multidão começou a vaiar e a gritar. Parecia que estávamos num picadeiro. Só faltou Nero tocar sua harpa e mandar tocar fogo em tudo. Era um delírio. Juro que a certa altura fiquei com medo de receber uma chuva de latas de cervejas. Felizmente isto não aconteceu. O desfile foi tumultuado porém com muita alegria. No final da Avenida mais surpresas nos esperavam. Uma multidão se formava na saída. Aí o pau comeu. Fizeram um corredor polonês para que as bichas passassem. Gritos e mais gritos excitavam o povo. Me juntei a um grupo e passamos no meio das feras. Repentinamente recebi um pontapé na canela. Era um garoto com mais ou menos 12 anos. Fiz voz de falsete e lhe gritei: "Seu.. Pervertido!"

Uma análise final sobre o comportamento das pessoas em relação a nós? Bom, as mulheres em geral se aproximavam dos travestidos com o maior carinho; os homens, em sua maioria, davam cantadas — houve até quem me oferecesse uma "remuneração" em troca de uma transada, enquanto um motorista de táxi, no caminho de casa, me gritando: "Entra aqui, baiana, que eu só te cobro meia bandeira!" Agora, os garotos e as bichas siriemas foram terríveis; os primeiros não hesitavam em agredir, e as segundas ficavam de tititi pelos cantos, a desaprovar visivelmente nossa descontração. Pra concluir, pensando no que as bichas, apesar de tudo, já fizeram nesse estranho país, o refrão do samba da Unidos de São Carlos: "Vira mexe, mexe vira, vestido de homem e mulher, vem o bonde 24, todos sabem que ele é". Oba! (**Adão Acosta**).

LAMPIÃO

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/001-30; Inscrição estadual 81.547.113.

Editores: Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt e Adão Acosta (Rio); Darcy Penteado e João Silvério Trevisan (São Paulo).

Redação — Antônio Carlos Moreira, Alceste Pinheiro, Aristides Nunes, Dolores Rodrigues, José Fernando Bastos, Regina Nóbrega (Rio), Eduardo Dantas, Emanoel Freitas, Zezé Melgar, Francisco Fukushima, Glauco Mattoso, Paulo Augusto (São Paulo), Alexandre Ribondi (Brasília).

Colaboradores — João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, José Fernando Bastos e Aristóteles Rodrigues (Rio); Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza e Edward MacRae (Campinas); Celso Curi, Jorge Schwartz, Cynthia Sarti (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí) e Luiz Mott (Bahia).

Fotos: Cynthia Martins e Ricardo Fragoso Tupper (Rio); Francisco Fukushima e Dimas Schtini (São Paulo) e Arquivo.

Arte: Antônio Carlos Moreira (arte-final), Mem de Sá (capa), Nélson Souto (diagramação), Levi e Hartur (charges).

Circulação: João Reis.

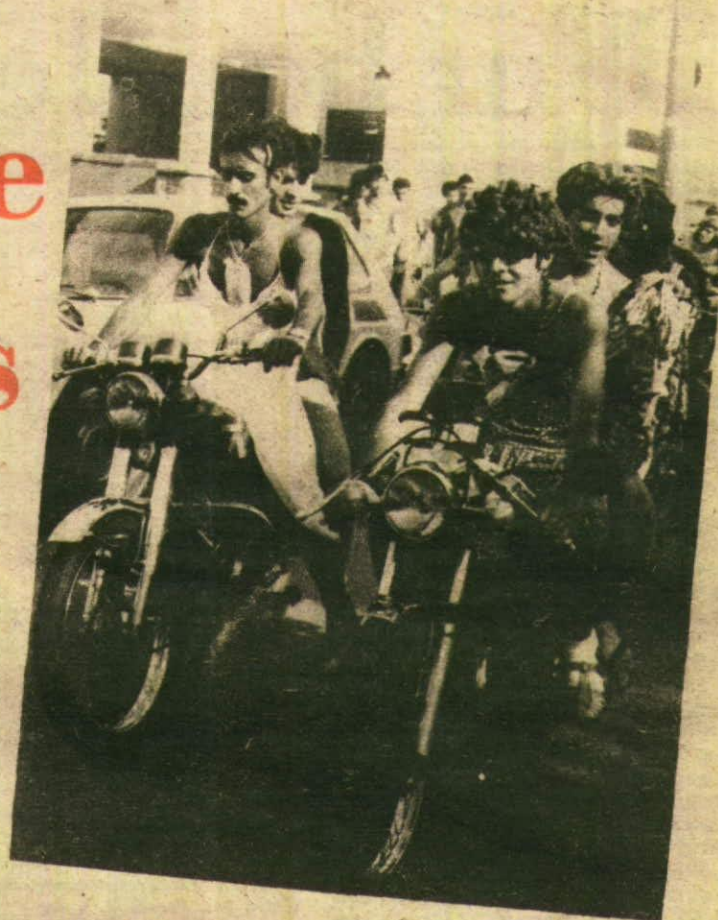
Distribuição: Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67); **São Paulo:** Paulino Carcanhentti; **Curitiba:** J. Ghignone & Cia. Ltda.; **Florianópolis e Joinville:** Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; **Jundiaí:** Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda.; **Porto Alegre:** Salvador La Porta Distribuidora de Livros, Jornais e Revistas; **Campos:** R.S. Santana; **Belo Horizonte:** Distribuidora Palmares de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; **Juiz de Fora:** Ercole Caruzzo & Cia. Ltda.; **Goânia:** Agrício Braga & Cia. Ltda.; **Brasília:** Anazir Vieira de Souza; **Vitória:** Norbin, Distribuidora de Publicações Ltda.; **Salvador:** Literarte — Livros, Jornais e Revistas Ltda.; **Aracaju:** Wellington Gomes de Andrade; **Maceió:** Gesivan R. de Gouveia; **Recife:** Diplomata, Distribuidora de Publicações e Representações Ltda.; **João Pessoa:** Henrique Paiva de Magalhães.

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189, 4º andar, Rio de Janeiro.

Endereço: Rua Joaquim Silva, 11, sala 707, Lapa, Rio, RJ. Correspondência: Caixa Postal 41.031, CEP 20.400, Santa Teresa, Rio.

Assinatura anual (doze números): em envelope fechado, Cr$ 850,00; como impresso, Cr$ 600,00. Para o exterior US$ 25. Número atrasado: Cr$ 70,00.

Por que os bofes usam as roupas de suas irmãs?

Fotos e texto de Darcy Penteado

Ninguém sabe ao certo que fim levou a Dorotéia, nem mesmo se de fato ela existiu, algum dia. Das muitas versões, não a mais provável porém a mais romântica, diz que ela foi uma bicha famosa da "boca" de Santos e que um dia morreu (perdão: feneceu). Por tal fato, há muitos anos vem sendo homenageada na semana que antecede o Carnaval pela coletividade de bofes locais. Ponho dúvidas quanto a tão gentil homenagem partindo de bofes para uma bicha, mesmo sendo uma daquelas de muito respeito. Porém a tempo alguém informou a este repórter que a dita cuja Dorotéia está viva e, apesar de velhinha, continua comparecendo ao seu "banho", o que fez com que eu, máquina fotográfica em punho, saísse ao seu encalço. Esforço debalde, todavia. Todas as bichas velhas participantes, quando questionadas, negaram essa e outras identidades (e uma foi tácita: "Dorotéia é a puta que o pariu!").

O certo é que "Dorotéia" deixou de ser banho a fantasia transformando-se num desfile de blocos, alguns organizados, com bateria, estandarte, alegorias de mão, etc; outros na base da maior improvisação. Tudo porém com muito público, palanque armado na Avenida principal da Ponta da Praia, presença do Rei Momo, da Rainha do Carnaval litorâneo e quiçá do próprio Prefeito da Cidade.

O desfile é naquele gênero já bem conhecido e repisado: os machões, aproveitando-se das loucuras momescas, assaltam guarda-roupas e caixinhas de maquilagens das mães, irmãs e esposas para se desrecalcar, desmunhecar sobre motos ou a pé mesmo. Sem ser a priori machista, o "Banho da Dorotéia" não deixa de ter conotação preconceituosa — não em relação às bichas, que estas estão sempre em todas e muito à vontade, mas às mulheres, porque entre mais de mil participantes não havia uma (verdadeira), nem como ponto de referência. O que prova que o mundo continua sendo dos homens, principalmente dos muito machos!